

REVISTA do meio ambiente

Desastres naturais custam 1 Bolsa-Família por ano no país

Reciclar ajuda o meio ambiente e o bolso

Menos de 3% das multas ambientais no Brasil são pagas

NASA recomenda plantas para purificar o ar da sua casa

REVISTA DO
MEIO AMBIENTE



Crianças que não brincam
na natureza
não se preocupam
em protegê-la

87

ano X • dezembro 2015



revistado meioambiente.org.br

O BRASIL AVANÇA COM PESCA SUSTENTÁVEL





Para valorizar a pesca artesanal, garantir os direitos dos pescadores e a proteção do meio ambiente, o Governo Federal está fazendo uma revisão da atividade da pesca artesanal no país. Entre as ações previstas estão as análises do Registro Geral da Atividade Pesqueira, dos períodos do Defeso e de tudo que envolve essa atividade tão importante para o pescador, para a sociedade e para o meio ambiente.

É o Governo Federal trabalhando para o Brasil avançar.

**QUER SABER MAIS?
LIGUE 0800 704 1995.**

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA

REVISTA DO
MEIO AMBIENTE**Sede e Redação**

Tv. Gonçalo Ferreira, 777 - Juruubá (Cascarejo, Ponta da Ilha) - Niterói, RJ - 24370-290 - Telfax: (21) 2610-2272 - vilmar@rebia.org.br - CNPJ 05.291.019/0001-58

A Instituição

A Rede Brasileira de Informação Ambiental (Rebia) é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, com a missão de contribuir para a formação e o fortalecimento da **Cidadania Sociambiental Planetária**, ofertando informações, opiniões, denúncias, críticas, com ênfase na busca da sustentabilidade, editando e distribuindo gratuitamente a *Revista do Meio Ambiente* e o *Portal do Meio Ambiente*, entre outros produtos e ações. Para isso, a Rebia está aberta à parcerias e participações que reforcem as sinergias com demais parceiros, redes, organizações da sociedade civil e governos, e também com empresas privadas, que estejam comprometidas com os mesmos propósitos.

Fundador da Rebia

A Rebia foi fundada em 01/01/1996, pelo escritor e jornalista Vilmar Sidnei Demamam Berna, que em 2003 recebeu no Japão o Prêmio Global 500 das Organizações das Nações Unidas de Meio Ambiente. • escritorvilmarberna.com.br • (21) 9994-7634

Conselho Editorial

A missão da Rebia só se torna possível graças a uma enorme rede de parceiros e colaboradores, incluindo jornalistas ambientais e comunicadores comunitários, e de seus mais de 4.000 membros voluntários que participam dos Fóruns Rebia, democratizando informações, opiniões, imagens, críticas, sugestões e análises da conjuntura, um rico conteúdo informativo que é aproveitado para a atualização diária do Portal e para a produção da Revista. São estes colaboradores que representam o **Conselho Editorial e Gestor da Rebia**, participando ativamente no aperfeiçoamento e na divulgação do Projeto.

A Rebia na web

- **Facebook:** facebook.com/rebia.org.br
- **Twitter:** twitter.com/pmeioambiente
- **LinkedIn:** www.linkedin.com/company/rebia---rede-brasileira-de-informacoes-ambientais?trk=hb_tab_comp_id_2605630
- **RSS:** www.portaldomeioambiente.org.br/component/injasssyndicator/?feed_id=18&format=rss

Coordenadas GPS da Rebia: -22.929432, -43.111917

A REBIA mantém TERMO DE PARCERIA na forma da Lei com as seguintes OSCIPs (Organização sem fins lucrativos de interesse público), estando através delas ISENTA DE IMPOSTOS, DISPENSADA DE LICITAÇÃO, e poderá conceder às empresas de Lucro Real que investirem nos Projetos e Veículos de Comunicação da REBIA, Declaração de Renúncia Fiscal que permitirá o abatimento de até 2% do imposto declarado devido.

PRIMA - MATA ATLÂNTICA E SUSTENTABILIDADE

CPNJ: 06.034.803/0001-43 / Insc. Estadual: ISENTA / Insc. Municipal: 131974-0 / Dados bancários para pagamento: CEF Ag. 3092 OP 003 C/C 627-5 / Sede: Rua Fagundes Varela, n° 305/1320 - Ingá, Niterói - RJ - 24210.520

ASSOCIAÇÃO ECOLÓGICA PIRATINGAUNA

CNPJ: 03.744.280/0001-30 / Insc. Estadual: ISENTA / Utilidade Pública Municipal (Lei 3.283 de 04/03/ Rua Maria Luiza Gonzaga, n° 217 - no bairro Ano Bom - Barra Mansa, RJ CEP: 23.323.300 / Presidente: EDUARDO AUGUSTO SILVA WERNECH (24) 9 9264 - 2353 (Rural/Fixo/sede) - 9 8857-0224 - Nextel: 7811-6082 / ID: 12°88984 - Residencial (24) 3323-0224 eduardo.piratingauna@gmail.com / eduardo.werneck@piratingauna.org Blog: <http://oscip-piratingauna.blogspot.com.br>

**Projeto gráfico e diagramação**

Estúdio Mutum • (11) 3852-5489
skype: estudio.mutum
haldney@estudiomutum.com.br
Razão Social:
Haldney Antonio Silvino Ferreira - ME
CNPJ 07.413.335/0001-80
estudiomutum.com.br

Impressão

Colorsystem Gráfica Digital e Offset
(11) 3789-1903 • paula@colorsystem.com.br
(Paula Hyyppolito/Comercial)
Razão Social: Dsystem Indústria Gráfica
Ltda - EPP - CNPJ 04.495.167/0001-21
Av. dos Autonomistas, 4900
Osasco Business Park • Osasco, SP
06194-060 • colorsystem.com.br

**Webmaster**

Leandro Maia Araujo - MEI
(21) 9729-6312
suporte@imatech.com.br
webmaster@rebia.org.br
CNPJ 18.463.673/0001-43
Rua Adelaide Correia Machado, 56 CS
São Gonçalo, RJ • 24732-725



Os artigos, ensaios, análises e reportagens assinadas veiculados através dos veículos de comunicação da **Rebia** expressam a opinião de seus autores, não representando, necessariamente, o ponto de vista das organizações parceiras e da **Rebia**.



Para acessar a Revista do Meio Ambiente online ao vivo com o código QR é só escanear o código e ter acesso imediato. Se não tiver o leitor de QR basta baixar o aplicativo gratuito para celulares com android em <http://bit.ly/16apezi> e para Iphone e Ipad em <http://bit.ly/17Jzhuo>

FOTO DESTA CAPA: DOLLAR PHOTO CLUB

Ganância e sustentabilidade

Felizmente, ainda há esperança, pois além dos segmentos mais esclarecidos e organizados da Sociedade Civil estarem mobilizados e lutando, cada eleição é uma nova chance de libertação. O Brasil vive tempos obscuros, mas também de muita luz, como essa, que vem do Lava-Jato, e nos renova o ânimo de que a guerra não está perdida, pois 'é de batalhas que se vive a vida'

por **VILMAR SIDNEI DEMAMAM BERNA***

Não é por falta de amor à natureza ou aos animais, ou mesmo por desconhecimento ou de educação Ambiental. Por trás da superexploração da natureza e da superexploração do trabalho humano e animal, está o mesmo sistema de apropriação e concentração de recursos e de poder que produziu a escravidão, a 'solução final' nazista, a brutal destruição ambiental de hoje.

Se antes as nações lutavam entre si para se apropriarem dos recursos umas das outras, hoje, as armaduras, os exércitos, as guerras de conquista foram substituídas por dívidas, em nome de empréstimos "humanitários", oferecidos candidamente por pessoas acima de qualquer suspeita, humildes, normais, que professam o altruísmo, que falam oficialmente sobre as maravilhosas coisas humanitárias que estão fazendo.

Hoje, não são mais necessárias masmorras e prisões para prender ou obrigar as pessoas a trabalharem de sol a sol para gerar riquezas para outros, pois a prisão é por dentro. Nossos sonhos de qualidade de vida, sucesso, felicidade foram capturados e traduzidos em bens de consumo que a moda e a obsolescência programada tornam rapidamente ultrapassados, nos induzindo a mais e mais consumo, nos obrigando a vendem a força de trabalho, a criatividade, o conhecimento, por salários que mal chegam ao final do mês. Para complementar o salário e tentar sobreviver com alguma dignidade é preciso se deixar algemar a dívidas de cartões de créditos, cheques especiais e carnês a perder de vista.

O estilo de vida dos muito ricos e poderosos, que deveria ser objetivo de reflexão e mesmo de combate, foi adotado como o ideal, uma espécie de padrão possível a todos, como se existissem diversos planetas terras de recursos naturais capazes de sustentar tamanho abuso e desperdício de recursos.

Se a força está com o povo, o poder está com quem esse povo escolhe como representantes políticos, e baseado nas informações e nos valores que recebe. Se forem mentirosos e manipulados, certamente influenciarão as escolhas.

Para chegar ao poder – e se manter nele – os candidatos precisam de dinheiro. E não é de pouco dinheiro, mas de verdadeiras fortunas. E é aqui, neste momento, que as boas intenções, as boas ideias e promessas, se misturam numa zona cinza de hipocrisia e manipulações. Por que empresas e empresários não fazem doações ou caridade, fazem investimento.

Leis e regras devem se ajustar aos interesses dos negócios, não só evitando atrapalhar mas principalmente, os favorecendo, discretamente sempre que possível para que a 'Pátria distraída' siga em frente na certeza de estar sendo bem cuidada e protegida pelos seus representantes. 🌱

* Escritor e jornalista, fundou a Rebia - Rede Brasileira de Informação Ambiental (rebia.org.br), e edita deste janeiro de 1996 a Revista do Meio Ambiente (que substituiu o Jornal do Meio Ambiente), e o Portal do Meio Ambiente (portaldomeioambiente.org.br). Em 1999, recebeu no Japão o Prêmio Global 500 da ONU para o Meio Ambiente e, em 2003, o Prêmio Verde das Américas

AGORA TODO CELULAR TEM, PELO MENOS, TRÊS MODOS: NORMAL, SILENCIOSO E FAZENDO BARULHO PELOS SEUS DIREITOS.

Chegou o aplicativo
Carteirada do Bem.



**BAIXE, CONHEÇA AS LEIS QUE FAZEM PARTE
DA SUA VIDA E TOME POSSE DA SUA CIDADANIA.**
#CARTEIRADADOBEM | CARTEIRADADOBEM.COM.BR



Alerj.
Aqui você
tem poder.



Segundo Banco Mundial, 100 milhões de pessoas serão levados à pobreza devido às mudanças climáticas

por **THALIF DEEN, IPS**
tradução **VICTOR FARINELLI**

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), aprovados por mais de 160 governantes de todo o mundo em setembro, são uma parte da Agenda de Desenvolvimento Posterior da ONU em 2015, e incluem a erradicação da fome e da pobreza até o ano de 2030.

Mas as consequências devastadoras que as mudanças do clima trarão às pessoas mais pobres do mundo poderiam frustrar esses ambiciosos objetivos. Ao menos é o que diz uma instituição irmã da ONU, o Banco Mundial, num novo estudo publicado recentemente.

“E sem um desenvolvimento rápido, inclusivo e inteligente, e que leve em conta o clima, e medidas importantes para a redução das emissões (de gases do efeito estufa) que protejam os pobres, poderia haver mais de 100 milhões de pessoas a mais vivendo na pobreza até o ano de 2030”, adverte o informe *Grandes cataclismos: como abordar os efeitos das mudanças climáticas na pobreza*.

O estudo, publicado antes da 21 Conferência do Clima das Nações Unidas – que ocorreu em Paris entre o dia 30 de novembro e 11 de dezembro –, conclui que a população pobre já corre um alto risco de sofrer impactos relacionados com o clima.

Entre esses impactos estão a perda de colheitas pela diminuição das chuvas, o aumento repentino nos preços dos alimentos devido aos eventos climáticos extremos, e uma maior incidência de doenças depois das ondas de calor e inundações.

O Banco Mundial adverte que essas consequências poderiam acabar com os avanços obtidos com grande esforço, dando lugar a perdas irreversíveis e levando muitas pessoas à pobreza, especialmente na África e na Ásia meridional.

“NOSSA INVESTIGAÇÃO NOS DIZ QUE SOMENTE EM BANGLADESH HÁ CERCA DE 38 MILHÕES DE VIDAS EM RISCO ATÉ 2050, DEVIDO AOS DESASTRES DERIVADOS DAS MUDANÇAS NO CLIMA. O CAMINHO CLIMÁTICO NO QUAL ESTAMOS TRABALHANDO AGORA ENFRENTA O DESAFIO DA CONTRADIÇÃO, SIGNIFICA ACABAR COM O DESENVOLVIMENTO, O FIM DE TODO AVANÇO COM RESPEITO À POBREZA EXTREMA”

LOUISE WHITING, ANALISTA DA ORGANIZAÇÃO BRITÂNICA WATERAID

Pesquisas mostram que, devido a desastres derivados das mudanças no clima, somente em Bangladesh há cerca de 38 milhões de vidas em risco até 2050



Mobilização Mundial pelo Clima levou milhares de pessoas às ruas

Segundo o informe, as pessoas mais pobres estão mais expostas aos eventos climáticos extremos, como as inundações, as secas e as ondas de calor, e perdem muito mais do seu patrimônio quando eles acontecem.

Nos 52 países onde existem estatísticas a respeito, 85% da população vive em lugares onde os habitantes pobres estão mais expostos às secas que a média da sociedade.

Também estão mais expostos às temperaturas extremamente altas e vivem em países onde se prevê que a produção de alimentos diminuirá por causa das mudanças do clima, segundo o Banco Mundial.

“Este informe expressa com clareza que será impossível por fim à pobreza se não adotarmos medidas firmes para reduzir a ameaça das mudanças climáticas e diminuirmos radicalmente as emissões nocivas”, declarou o presidente do Grupo do Banco Mundial, Jim Yong Kim.

Um novo mundo está por vir

por MARCELO DE MEDEIROS*

Desde que comecei a trabalhar e a estudar sobre mudanças climáticas as pessoas me perguntam: e aí, quanto tempo esse mundo ainda terá até que tudo entre em colapso? Eu então olho pro lado e vejo dezenas de jovens brasileiros mobilizados e com brilhos nos olhos para falar sobre o tema para outros jovens de modo a também convidá-los para serem atores ativos para encontrar soluções para os desafios que já enfrentamos.

O Engajamundo é uma ONG brasileira formada por jovens e para jovens. Por meio do nosso trabalho de formação, mobilização e ativismo, acreditamos que a juventude brasileira se sinta mais aproximada com o tema através de uma linguagem dinâmica e direta, podendo a partir disso buscar meios concretos para começar a mudar seus hábitos e seu ambiente ao redor. Já realizamos formações e ações sobre as mudanças climáticas nas cinco regiões do país, seja em comunidades tradicionais, com povos indígenas, nas periferias, em todo lugar, pois a participação de todos é vital para que uma mudança efetiva seja realizada.

Nelson Mandela uma vez disse que “algumas vezes cabe à uma geração ser grande”. Nós sabemos que grande parte desses problemas não foram causados por nossa geração, mas mesmo assim não estamos de braços cruzados apontando culpados ou esperando soluções mirabolantes enquanto o mundo sofre cada vez mais as consequências das mudanças climáticas e outros impactos ambientais. **TENHO CERTEZA QUE ESSA GERAÇÃO E AS FUTURAS SERÃO GRANDES!**

Ano passado, na COP 20 em Lima, me dei conta de que nós, jovens do mundo inteiro, estamos fazendo um trabalho muito melhor e eficaz do que muitos governos, pois realmente acreditamos que somos parte da solução! E quando você muda o prisma, passando a ver e entender as mudanças climáticas como uma chance de começar novamente, de criar sociedades que preservem e sejam conectadas com a natureza, aí a mágica acontece: todo o clima apocalíptico que envolve o nosso futuro começa a se tornar bem iluminado, no qual cada um faz sua parte e espalha essa nova ideia. É assim que trabalhamos aqui no Brasil, empoderando jovens sobre o tema e compartilhando experiências de como podemos reverter esse quadro de uma forma positiva.

Cada vez fico mais convicto de que o mundo nunca mudou por causa de tratados, acordos ou protocolos, mas sim pelo ímpeto de pessoas que acreditaram em uma causa e lutaram por seus ideais. O mundo está cheio de diplomatas e experts sobre mudanças climáticas, mas eles estão conseguindo limitar as emissões? Não, elas só tem aumentando ao longo do tempo.

A verdadeira revolução começará quando a sociedade civil compreender a força do seu poder transformador e uma nova mentalidade emergirá criando um novo mundo. A transição para esse admirável mundo novo já começou, embora esteja a passos lentos. A juventude vem mostrando sua força e acredito que ela seja a grande mola propulsora que irá agilizar esse processo, guiando com coragem a humanidade para um mundo melhor, igualitário e de fato sustentável. 

FONTE: BLOG ENGAJAMUNDO

* Coordenador do GT de Clima do Engajamundo

“Os pobres são os que mais serão afetados, e nosso desafio neste momento é proteger as dezenas de milhões de pessoas, para evitar que sejam vítimas da pobreza extrema devido aos problemas climáticos”, agregou.

Harjeet Singh, gerente de política climática da organização independente ActionAid, disse à IPS que a análise do Banco Mundial sobre a vulnerabilidade dos pobres aos impactos climáticos não é nova, mas destaca que a pobreza não pode ser eliminada sem soluções para o clima.

As pessoas e os países pobres são os mais vulneráveis, já que possuem recursos e conhecimentos limitados para superar suas consequências, recordou. “Entretanto, o Banco Mundial chega tarde ao jogo, com seu discurso de melhorar a proteção social para combater os efeitos das mudanças climáticas”, afirmou o ativista.

Na verdade, o Banco Mundial tem um extenso e duvidoso histórico de obrigar os países em desenvolvimento a reduzir o gasto público destinado a oferecer os serviços básicos e brindar proteção social às populações economicamente mais vulneráveis, destacou Singh. Para ele, a instituição multilateral com sede em Washington “terá que abordar isso antes de que possa praticar de forma confiável o que predica o informe”.

Louise Whiting, analista da organização britânica WaterAid, disse à IPS que os mais pobres correm maior risco, e mesmo assim recebem menor quantidade de fundos destinados a ajudar e a se adaptar aos eventos climáticos extremos. “Nossa investigação nos diz que somente em Bangladesh há cerca de 38 milhões de vidas em risco até 2050, devido aos desastres derivados das mudanças no clima”, advertiu. “O caminho climático no qual estamos trabalhando agora enfrenta o desafio da contradição, significa acabar com o desenvolvimento, o fim de todo avanço com respeito à pobreza extrema”, sustentou.

Para as famílias que vivem na extrema pobreza e têm pouco acesso à água potável, que não possuem bom saneamento nem higiene, que enfrentam temporadas áridas cada vez mais longas e ventos cada vez mais intensos, para eles os ciclos de pobreza serão ainda maiores, porque ademais faltará empregos, segundo Whiting. “Devemos trabalhar agora para assegurar os serviços básicos a longo prazo, e saber depois como ajudar as comunidades a se recuperarem mais rapidamente e serem mais resistentes aos eventos climáticos”, argumentou.

Whiting disse que os governos nacionais dos países em desenvolvimento necessitam mais apoio para a execução dos projetos para ajudar a erradicar a pobreza, e ao mesmo tempo gerar estrutura para que as comunidades possam se adaptar.

“Os governantes que participarão da COP21, em Paris, não podem se esquecer das populações mais pobres do mundo”, apelou ela. 

FONTE: CARTA MAIOR



Desastres naturais custam 1 Bolsa-Família por ano ao Brasil

Os eventos climáticos extremos atingem 1,1% da população do Brasil todos os anos e custaram até R\$ 355 bilhões ao país apenas entre 2002 e 2012. É o equivalente a até 0,87% do PIB acumulado no período. Na média, o custo anual dos desastres naturais naquela década foi de R\$ 25,2 bilhões, o equivalente à verba do Bolsa-Família.

Os dados são de um estudo inédito de um trio de economistas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, publicado recentemente numa parceria entre o *Observatório do Clima* e o site de notícias ambientais *((o))eco*.

O grupo liderado por Carlos Eduardo Young (young@ie.ufrj.br), do Instituto de Economia da UFRJ, debruçou-se sobre os dados do Atlas Brasileiro de Desastres Naturais, que mapeou os registros de eventos climáticos extremos no Brasil entre 1991 e 2012. Os números foram cruzados com estimativas de custo econômico por pessoa afetada, desalojada ou desabrigada durante eventos extremos de enchurrada, inundação ou deslizamento nos Estados de Rio de Janeiro, Alagoas, Pernambuco e Santa Catarina, feitas pelo Banco Mundial, e extrapolados para o país inteiro.

Entre 1991 e 2012, constataram os economistas, o Brasil registrou 13.622 ocorrências desses três tipos de desastre, que deixaram, no total, 46 milhões de pessoas afetadas, incluindo 3.745 mortos. A maior parte desses desastres, 10.066, aconteceu na segunda metade do período analisado – entre 2002 e 2012. No total, nessa década, 33,9 milhões de pessoas foram afetadas, cerca de 25% da população brasilei-

Levantamento inédito de economistas da UFRJ mostra que eventos extremos reduziram o PIB nacional em até 0,87% entre 2002 e 2012 e afetaram, todos os anos, 1,1% da população brasileira

ra. A quantidade de recursos federais destinada à reconstrução saltou de R\$ 130 milhões em 2004 para R\$ 3 bilhões em 2010.

Segundo os autores, forte o aumento no número de ocorrências, no número de afetados e nas perdas econômicas neste período em relação ao anterior reflete provavelmente uma tendência. É possível, dizem, que o quadro se explique porque melhorou o registro de desastres, porque há mais gente vivendo em áreas de risco ou porque as mudanças climáticas estão causando mais chuvas torrenciais. “O mais provável é que todas essas hipóteses estejam corretas e que haja uma combinação perversa entre o aumento da população vivendo em áreas de risco e a maior probabilidade de ocorrência de eventos climáticos extremos”, afirmam Young e colegas.

O maior número de desastres naturais, 34% do total, ocorreu na região Sudeste – justamente onde há mais gente em áreas de risco. Minas Gerais ocupa disparado o primeiro lugar (2.083 ocorrências), seguido de Santa Catarina (1.108) e São Paulo (850). Juntos, o Sudeste e o Sul respondem por 69% das perdas monetárias por eventos extremos entre 2002 e 2012 – jogadas para cima pelos desastres de Santa Catarina, no fim de 2008, e da serra fluminense, em 2011.

No entanto, quando se olha o impacto no PIB regional, o Brasil segue o princípio conhecido de que os mais pobres são os mais afetados: a maior perda proporcional está na região Norte – 1,61% do PIB gasto com afetados por desastres – e na Nordeste (1,51%), enquanto o Sudeste teve 0,48% de perda em relação ao PIB.

“Ainda existe a visão de que combater a mudança climática vai agravar a pobreza. O que nós mostramos com esse estudo é que o contrário é verdade: a pobreza é agravada pela mudança climática, e reduzir emissões reduz também a vulnerabilidade dos pobres”, diz Camilla Aguiar, coautora do estudo. 

“São Marcos”: enquanto o “Governo” bate cabeças, acionistas da Vale em Nova York entram com ação judicial e a seguradora da Samarco contrata perícia no Brasil

por LUIZ PRADO

Para Carlos Rittl, secretário executivo do Observatório do Clima, sua fala não foi adequada por passar a mensagem de que “o Brasil já está fazendo o suficiente”, para ele, “se todos os países saírem de Paris com a convicção demonstrada pela presidente de que estão fazendo o bastante, o mundo estará no rumo seguro de um desastre climático neste século”, conclui.

Enquanto os órgãos dos governos federais e estaduais brasileiros fazem anúncios com previsões de multas altissonantes e batem cabeça uns com os outros, acionistas da Vale nos EUA já ajuizaram processo contra a empresa por perdas dos valores das ações em decorrência da mega devastação provocada pelo desleixo da Samarco.

Evidentemente, a Vale e a BHP Billinton são responsáveis pelos prejuízos – no mínimo até o limite de suas participações percentuais na empresa-fantochete ou laranja (ainda que não do ponto de vista legal, mas tendo em vista que as duas acionistas são competidoras no mercado global).

Ou seja, talvez os doutos promotores e membros da advocacia pública possam ler os argumentos dos advogados norte-americanos contratados para representar os acionistas que sabem que serão prejudicados – no mínimo com a paralisação da produção da Samarco – ou, quem sabe, recorrer à jovem advogada Gabriela Libman, que mesmo recém formada resumiu o assunto de maneira brilhante, em poucas linhas: “Ocorre que, quando há um dano ambiental, a responsabilidade das empresas envolvidas será solidária de acordo com o artigo 942 do CC, incluindo, portanto, tanto o poluidor direto, quanto o poluidor indireto (artigo 3º, IV, Lei 6938/1981 artigo 3º inciso 4); e objetiva, segundo o art. 14, § 1º da Lei 6938/1981, tendo por base a Teoria do Risco Integral, que não admite excludentes e responsabiliza a empresa ainda que atue com as devidas licenças – argumento este utilizado pela Samarco – e até mesmo em casos fortuitos.

“Tal teoria é aceita pelo STJ e acredito que, com base nela e diante da dimensão do desastre, ambas as empresas devem ser responsabilizadas por danos morais coletivos (e isso tudo sem contar com a “responsabilidade pós consumo”, que gera a obrigação das empresas de recolherem os seus resíduos!)”.

O jogo de empurra das autoridades públicas envergonha ou caracteriza a nação brasileira?

COMO DECORRÊNCIA DESSE BATE CABEÇA, O RECADO ENVIADO PARA A SOCIEDADE, EM PARTICULAR PARA AS ATIVIDADES POLUIDORAS, É: “FAÇAM O QUE QUISEREM NA ÁREA AMBIENTAL, PORQUE CONCLUIU-SE O LONGO NAUFRÁGIO DA GESTÃO PÚBLICA NESTA ÁREA”

Por outro lado, como no mundo dos negócios reais esse tipo de lerdice institucional brasileira é inconcebível, a seguradora da “São Marcos” (essa foi uma das melhores expressões dos jogos de cena sem conteúdo nesse ramo) já contratou escritório brasileiro de perícias judiciais, e um dos melhores. Não o faria se tivesse alguma intenção de arcar com a “dolorosa” – conta que será alta com ou sem a ação do poder público brasileiro, já que inclui lucros cessantes.

Cabe aos leitores uma responder a uma pergunta simples: quem “pagará o pato”? Alguém tem dúvida? E, ainda mais, como decorrência desse bate cabeça, o recado enviado para a sociedade, em particular para as atividades poluidoras, é: “façam o que quiserem na área ambiental, porque concluiu-se o longo naufrágio da gestão pública nessa área”. Agora, então, com as declarações de representantes do Alto Comissariado para os Direitos Humanos da ONU, feitas em Genebra, o mundo inteiro sabe que o governo também foi responsável.

Ah – como faz falta um Sergio Moro e toda a sua equipe na área ambiental!

Algumas escassas mentes pensantes do assim chamado governo e sua periferia já afirmaram que é preciso mudar o marco regulatório. Nada de jogar a responsabilidade sobre as tais barragens para o DNPM, que é um serviçal das mineradoras.

Para os mais estudiosos sobre como se muda o marco regulatório depois de um grande “acidente” – um acidente previsto –, encontra-se disponível na internet o relatório de uma comissão independente – com ESPECIALISTAS de ambos os partidos – sobre o acidente da British Petroleum no Golfo do México. Com quase 400 páginas, o relatório examina, além do que aconteceu, que alternativas encontravam-se disponíveis para evitar a repetição do desastre (ambiental e econômico, para as comunidades atingidas – cidades costeiras, atividades econômicas, e despesas de prefeituras/governos estaduais/centros de pesquisa convocados pelo Governo (com letras maiúsculas) para monitorar o acidente.

Como ninguém fora do ramo do petróleo vai ler um relatório dessa extensão e profundidade, valem o Índice e o Sumário Executivo. 📄

FONTE: LUIZPRADO.COM.BR

Plástico biodegradável criado pela Embrapa se decompõe em 30 dias

por WAGNER CARVALHO

Sabe aquela história de que o plástico leva no mínimo 100 anos para se decompor na natureza? Com um material produzido à base de açúcares e desenvolvido pela Embrapa Instrumentação localizada em São Carlos, a 238 km de São Paulo, esse tempo cai para no máximo 30 dias.

Sem utilizar aditivos químicos, o tempo para a produção desse novo material também foi reduzido. Antes era necessário ao menos 24 horas para a produção do tradicional material sintético, mas com a nova técnica isso acontece em um processo de apenas 6 minutos. São películas finas, resistentes e biodegradáveis feitas à base de substâncias naturais provenientes da agricultura e da agroindústria brasileira.

Esses materiais atóxicos poderão em breve ser usados para transportar compras de supermercados ou para empacotar biscoitos, chocolates, balas, entre outros produtos alimentícios. O produto é resultado de uma pesquisa desenvolvida no Laboratório de Nanotecnologia da Embrapa.

De acordo com o engenheiro de alimentos Francys Moreira, pós-doutorando e responsável pela pesquisa, essa técnica verde, batizada de casting contínuo, é possível fabricar folhas de plástico biodegradável em larga escala, com a transformação de formulações aquosas de substâncias naturais (como o amido e o colágeno) em películas finas de alta transparência.

Moreira adianta que é possível ainda usar outras proteínas ou qualquer outro tipo de polissacarídeo. Ele cita a quitosana, encontrado no esqueleto de frutos do mar, ou até mesmo amidos de diferentes fontes como o de mandioca, derivados de celulose e outras substâncias extraídas de coprodutos do beneficiamento de frutas.

O processo convencional para a produção do plástico comercial emprega aditivos para facilitar o processamento. “Nossa técnica permite a obtenção de películas de proteínas e polissacarídeos, qualquer um deles, de forma muito mais rápida do que qualquer outra técnica conhecida. São seis minutos contra dias, que são gastos pelos métodos convencionais de fabricação”, afirma.

O coordenador do estudo, Luiz Henrique Mattozo explica que o produto é produzido com polissacarídeos, moléculas de açúcares. De acordo com ele a fabricação é mais econômica porque utiliza temperatura e pressões menores do que os sintéticos economizando energia.



DOLLAR PHOTO CLUB

O AMIDO É APONTADO COMO UMA PROMESSA NO SETOR MUNDIAL DE PLÁSTICOS BIODEGRADÁVEIS. ALÉM DA BIODEGRADABILIDADE E DO BAIXO CUSTO DE PRODUÇÃO, O AMIDO PODE SER UTILIZADO PARA PRODUÇÃO DE SACOS DE LIXO E OUTROS PRODUTOS DESCARTÁVEIS

O processo casting contínuo é inédito no mundo na preparação desse tipo de materiais. Conforme explica Moreira, há um potencial enorme para o emprego da técnica na produção de filmes plásticos biodegradáveis para embalagens de alimentos a partir de materiais naturais ou coprodutos do agronegócio brasileiro. O amido é apontado como uma promessa no setor mundial de plásticos biodegradáveis. Além da biodegradabilidade e do baixo custo de produção, o amido pode ser utilizado para produção de sacos de lixo e outros produtos descartáveis.

MERCADO

O material produzido pela Embrapa já despertou o interesse de algumas empresas e a expectativa é de que esteja disponível no mercado em dois anos afirmam os pesquisadores. Moreira e Matoso explicam que ainda há um caminho a ser percorrido para transformar a pesquisa em produto, que envolve processos de transferência de tecnologia e modelos de negócios a serem estabelecidos.

“Nesse momento, o importante são os resultados obtidos pela pesquisa, como o domínio da técnica em relação à produção de plásticos biodegradáveis, com controle de espessura altamente preciso e com uma faixa extensa de propriedades mecânicas a partir de qualquer tipo de polissacarídeo”, finaliza Moreira. 

FONTE: UOL

Cientistas foram pagos para escrever pesquisas duvidando das mudanças climáticas

Uma investigação, realizada em segredo pelo Greenpeace do Reino Unido, descobriu que empresas do setor de combustíveis fósseis fazem pagamentos ocultos para que cientistas escrevam pesquisas questionando as mudanças climáticas e promovendo os interesses comerciais dessas empresas.

Repórteres do Greenpeace do Reino Unido se passaram por representantes de companhias de petróleo e carvão que estariam interessados em encomendar pesquisas “independentes”. Eles entraram em contato com os acadêmicos das universidades de Princeton e Penn State e pediram documentos defendendo os benefícios do gás carbônico, e o uso de carvão em países em desenvolvimento. Os professores universitários concordaram com a proposta e afirmaram que não seria necessário revelar a fonte do financiamento.

Citando documentos patrocinados pela indústria, como depoimentos em audiências públicas e artigos para jornais, o professor Frank Clemente, da universidade Penn State, declarou: “Em nenhum desses casos o financiador é identificado. Todos os meus trabalhos são publicados na condição de acadêmico independente”.

Já o professor William Happer, um dos principais representantes dos céticos às mudanças climáticas, concordou em desenvolver um relatório para uma empresa petrolífera do Oriente Médio, e disse que a companhia poderia manter o financiamento em segredo.

Em e-mails enviados ao repórteres, Happer revelou ter recebido milhares de dólares da empresa Peabody Energy para prestar testemunho em audiências públicas estaduais e federais sobre o clima. E disse que os recursos foram transferidos a um grupo de cientistas céticos.

A reportagem completa e todos os documentos foram publicados no site Energy Desk. Lá, está relatado como o professor Frank Clemente, de Penn State, recebeu o pedido para escrever um relatório que “respondesse às perigosas pesquisas que ligam o carvão a mortes prematuras”. E para levar em conta os dados da Organização Mundial da Saúde que atribuem à poluição causada por combustíveis fósseis cerca de 3,7 milhões de mortes por ano. Clemente afirmou que o documento entre 8 e 10 páginas custaria cerca de 15 mil dólares.

Ele contou ao repórter que recebeu 50 mil dólares da Peabody Energy para escrever um relatório sobre o “valor global do carvão”. A origem dos recursos foi citada em letras minúsculas no texto, mas o valor não foi declarado.

A disposição desses estudiosos em esconder suas fontes de financiamento destoam de códigos de ética de periódicos influentes, como a revista Science. Na lista de requisitos para enviar estudos, a Science afirma que as pesquisas devem “vir acompanhadas de informações claras sobre todos os autores e suas afiliações, fontes de financiamento ou relações financeiras que possam por em dúvida a imparcialidade do texto”.

Diante da solicitação para que nenhum elo fosse estabelecido entre a encomenda do relatório e a empresa de petróleo e gás do Oriente Médio que financiaria o texto, o professor Happer entrou em contato com Bill O’Keefe, ex-lobista da Exxon e seu colega no conselho da CO2 Coalition. Happer sugeriu que o pagamento fosse feito por intermédio do Donors Trust, uma polêmica organização do movimento conservador que já foi chamada de “caixa eletrônico de dinheiro negro”.

Os investigadores perguntaram a Peter Lipsett, do Donors Trust, se o fundo aceitaria dinheiro de uma empresa de petróleo e gás sediada no Oriente Médio. Segundo Lipsett, embora a organização prefira recursos oriundos de contas bancárias americanas, seria possível “aceitar que venham de um órgão estrangeiro, desde que a gente tome ainda mais cuidado com isso”.

Investigação do Greenpeace do Reino Unido mostrou que empresas de combustíveis fósseis financiaram secretamente estudos em grandes universidades

O professor Happer também recebeu dos supostos repórteres um pedido para submeter o relatório financiado pela empresa ao processo de “revisão detalhada por pares” pelo qual passaram relatórios anteriores da fundação. Happer, que integra o Conselho Consultivo Acadêmico da GWPF, explicou: nesse sistema, integrantes do Conselho e outros cientistas escolhidos revisam o trabalho, mas o texto não é submetido a um periódico acadêmico.

O processo de “revisão por pares” da GWPF foi usado recentemente num relatório da fundação sobre os benefícios do dióxido de carbono. De acordo com o autor do trabalho, o incentivo inicial para escrever o texto partiu do jornalista Matt Ridley, que também é consultor acadêmico da GWPF e um dos revisores. Ridley divulgou o documento em sua coluna no jornal britânico *The Times*.

John Sauven, diretor executivo do Greenpeace no Reino Unido, comenta a investigação: “Esse trabalho revela uma rede de especialistas ‘de aluguel’ e um canal de bastidores que permite a empresas do setor de combustíveis fósseis influenciar o debate sobre as mudanças climáticas – de forma oculta e sem deixar impressões digitais. Agora, estamos diante de uma pergunta simples: ao longo dos anos, quantos relatórios científicos questionando as mudanças climáticas foram financiados por empresas de petróleo, carvão e gás? Esta investigação mostra como isso é feito, mas agora temos de saber quando e onde foi feito. Chegou a hora dos céticos abrirem o jogo”.

Ele acrescenta que a GWPF precisa responder a algumas perguntas. “Já houve financiamento secreto pela indústria de combustíveis fósseis para relatórios produzidos por membros importantes da fundação? Eles estão de acordo com a sugestão do professor Happer de submeter o relatório ‘financiado pelo petróleo’ a um ‘processo de revisão’ semelhante ao sistema de ‘revisão por pares’ adotado pela própria GWPF? Ela admite que o chamado processo de ‘revisão por pares’ da fundação é falho, considerando as revelações do professor Happer sobre o funcionamento desse sistema?” 

FONTE: GREENPEACE



O impossível foi possível na COP 21

por **DIEGO ARGUEDAS ORTIZ, DA IPS**

O impossível foi possível. Governos de 195 países fizeram história ao assinarem no dia 12, em Paris o primeiro acordo universal e vinculante para mitigar as emissões de gases-estufa e adaptar-se aos efeitos negativos da mudança climática no mundo.

Após 14 dias de intensas negociações dentro da 21ª Conferência das Partes (COP 21) da Convenção Marco das Nações Unidas sobre a Mudança Climática (CMNUCC), diplomatas e ministros, alguns emocionados até às lágrimas, aplaudiram o chamado Acordo de Paris, como o encerramento de um longo processo de quatro anos e com muitas paradas por todo o mundo.

Um processo alinhavado pela diplomacia francesa conseguiu evitar um destino como o do falido acordo climático de 2009, a última tentativa para conseguir um acordo climático global, e entregou um robusto tratado que inclui elementos que vão desde o respeito aos direitos humanos e à integridade dos ecossistemas até às obrigações dos países.

“Tenho a profunda convicção de que conseguiremos um acordo ambicioso e balanceado. Hoje é o momento da verdade”, disse o ministro de Assuntos Exteriores da França, Laurent Fabius, que presidiu a cúpula de duas semanas.

Após quase três horas de espera no plenário e uma discussão sobre o emprego de um verbo em um artigo crucial do acordo (“deverá” em lugar de “deveria”), Fabius pôde convocar os delegados aos seus lugares e segurar o documento para referendar as decisões da COP 21. “É um volume pequeno, mas creio que pode fazer um grande trabalho”, destacou.

Se os países que o assinaram ratificarem, este será o primeiro acordo universal e vinculante que obrigará cada nação a realizar ações diante da mudança climática e sucederá o fracassado Protocolo de Kyoto, um tratado obsoleto que nunca conseguiu atender as expectativas e que só obrigava os países industrializados a reduzirem as emissões.

O acordo surgido em Paris conseguiu encontrar um ponto médio que foi aceito por todos os grupos nas complexas negociações da CMNUCC, desde o bloco de pequenos Estados insulares até a aliança de nações industrializadas.

“O texto não é perfeito, mas é um bom ponto de partida para a ação climática”, pontuou a ministra sul-africana de Água e Assuntos Ambientais, Edna Molewa, após a ovação registrada depois de o texto ser aprovado. “Este é o primeiro passo de um longo caminho” acrescentou a ministra, a primeira a falar entre os que tomaram a palavra no plenário final.

A maioria dos delegados que fizeram uso da palavra durante a noite do dia 12 recordaram a necessidade de continuar a ação climática e conseguir a implantação do acordo nos próximos anos, especialmente na cúpula climática de 2016, que acontecerá em Marrakesh, no Marrocos.

Por meio desse acordo o mundo concordou em limitar o aumento da temperatura global “bem abaixo dos dois graus Celsius e em busca de 1,5 grau”, um objetivo que pode salvar muitos dos países mais vulneráveis do mundo, especialmente as ilhas do Pacífico, do Índico e do Caribe.

Também estabelece um fundo de US\$ 100 bilhões por ano após 2020, formaliza um mecanismo estabelecido há dois anos para reembolsar danos causados pela mudança climática e define um objetivo de longo prazo, que foi determinado como balanço entre as emissões e as capturas de gases-estufa entre 2050 e 2100.

O consenso chegou depois de duas semanas de negociações sem descanso, no Centro de Conferências em Le Bourget, na periferia de Paris, desenhadas ao longo das chamadas Conversas Climáticas de Paris, que começaram em 2011 seu caminho até o acordo alcançado no dia 12.

“Apesar da diversidade e divergência, encontramos terreno comum”, destacou em um comunicado Emmanuel M. de Guzmán, comissário de Mudança Climática e chefe da delegação das Filipinas. “Nos demos 1,5 grau para sobrevivermos e irmos além. Agora cabe a nós levar essa visão à realidade, por meio de ações nacionais e da cooperação internacional”, acrescentou.

Uma vez mais, as Filipinas foram uma das vozes líderes durante as negociações, desta vez por intermédio do Fórum de Vulnerabilidade Climática, autodefinido como um “grupo de

liderança” de 33 países que participou das negociações e pressionou fortemente em temas como a meta de 1,5 grau.

“Agora, como uma família de nações (como irmãos e irmãs de um mundo) podemos nos mover para frente com ambição, com a esperança de vencer essa luta contra a mudança climática. Podemos ser vulneráveis, mas também somos capazes de trabalhar juntos”, ressaltou Guzmán.

Na manhã do dia 12, Fabius apresentou aos países o que considerava ser um ponto médio do acordo, o quinto rascunho em apenas dois meses, e que foi a versão assinada quando já era noite, um dia após a data prevista para o encerramento da Conferência. Este acordo foi reconhecido como um resultado positivo pela maioria dos observadores da sociedade civil, e um sinal da crescente transição do modelo do século 20, baseado em combustíveis fósseis, para uma economia baseada em energia renovável e verde.

“A meta de temperatura do acordo, o objetivo de zero emissão e o processo de aumentar paulatinamente a ambição dos compromissos nacionais de redução de emissões enviam uma clara mensagem à indústria de combustíveis fósseis: após décadas de negociação e engano, seus esforços para bloquear a negociação climática já não dão resultado”, apontou em um comunicado Alden Meyer, diretor de Políticas e Estratégia da União de Cientistas Preocupados.

Muitos ativistas e inclusive o secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Ban Ki-moon, disseram esperar que esse acordo e sua aprovação final envie um forte sinal ao setor privado e aos mercados que trabalham no setor energético para deixar os combustíveis fósseis e investir em energias renováveis.

Outra grande vitória da sociedade civil e de líderes internacionais, como a ex-presidente da Irlanda, Mary Robinson, foi a inclusão dos direitos humanos e do tema de gênero como um elemento fundamental no acordo. Após receber as reservas de países árabes, como a Arábia Saudita, e de nações industrializadas, como os Estados Unidos e a Noruega, o apoio dos principais atores do Sul em desenvolvimento, como México, Filipinas e algumas economias emergentes da América Latina, foi fundamental para manter esse elemento no acordo.

Ainda assim, os especialistas foram claros ao reconhecer que esse é apenas um passo na urgente transição para economias mais limpas e resilientes. “Todos os países concordaram em deixar para trás os combustíveis fósseis, mas não conseguiram seguir plenamente por esse caminho. Por essa razão, o trabalho duro deve continuar depois da cúpula”, enfatizou Wendel Trio, diretor da Rede de Ação Climática Europa. 

FONTE: ENVOLVERDE

Organizações querem que indústrias poluentes paguem por danos ao clima

Na sequência do Acordo de Paris sobre mudanças climáticas, representantes de mais de 60 organizações em todo o mundo lançaram na quarta-feira, 16 de dezembro, um pedido para que a extração de combustíveis fósseis seja taxada para ajudar a pagar os impactos do clima nos países mais vulneráveis.

A declaração diz que manter o aquecimento a 1,5°C, como mais de 190 governos concordaram, não vai impedir alguns dos impactos climáticos que já são sentidos pelas nações mais vulneráveis.

O documento foi assinado por uma lista de mais de 60 indivíduos e organizações, incluindo o embaixador de Seychelles na ONU, Ronny Jumeau, cientistas como Naomi Oreskes, líderes de organizações ambientais, como Kumi Naidoo (Greenpeace), Bill McKibben (350.org), Samantha Smith (WWF), Mithika Mwenda (Pan African Climate Justice Alliance), a autora Naomi Klein, Yeb Sano, das Filipinas, e Saleemul Huq, do Centro Internacional para as Alterações Climáticas e Desenvolvimento, de Bangladesh.

O PROJETO DE TAXAÇÃO DO CARBONO É COORDENADO PELO PROGRAMA JUSTIÇA CLIMÁTICA

“Comunidades vulneráveis ao avanço das mudanças climáticas já estão sofrendo secas e tempestades mais intensas. Suas casas já estão sendo invadidas pela elevação do nível do mar. Eles já estão sofrendo as perdas e danos das mudanças climáticas”, afirma a declaração, que ressalta que as empresas de combustíveis fósseis estão causando mais de 70 por cento das mudanças climáticas hoje.

TAXAÇÃO DO CARBONO

“Essas grandes empresas de petróleo, carvão e gás continuam a faturar milhões, enquanto os pobres estão pagando com suas vidas. Ao mesmo tempo em que o Acordo de Paris envia um forte sinal de que os combustíveis fósseis devem ser mantidos no solo para que alcancemos esse objetivo, estas empresas devem pagar pelos danos que já causaram”, declarou Julie Anne Richards do Programa de Justiça Climática, fazendo campanha para uma taxa de carbono.

Os signatários prometeram trabalhar em direção a um acordo que coloque uma taxa mundial sobre extração de combustíveis fósseis – uma cobrança sobre o carbono – para ajudar a mobilizar fundos para compensar os danos. *O Projeto de Taxação do Carbono é coordenado pelo Programa Justiça Climática.*

ENERGIAS RENOVÁVEIS

Na verdade, essas empresas não só foram responsáveis pelas mudanças climáticas, mas muitas delas apoiaram campanhas, durante anos, negando a ciência do clima a fim de retardar a ação do governo.

“Nós apoiamos o trabalho de aliados sobre as estratégias legais para fazer as indústrias de combustíveis fósseis explicarem os danos que seus produtos estão causando. E é crucial para garantir que os combustíveis fósseis sejam eliminados e substituídos por energias renováveis até meados do século”, defendeu a Julie Richards. 

FONTE: ENVOLVERDE. * COM INFORMAÇÕES DA CLIMATEJUSTICE.ORG.

COP 21: Paris lança uma luz sobre o planeta

por DAL MARCONDES*

O mundo que emergiu da COP 21 pode ser mais esperançoso. Os 196 países, reunidos em Paris, resolveram firmar um compromisso com o futuro. Desde o último 30 de novembro governos, organizações empresariais e da sociedade civil participam da mais importante conferência sobre mudanças climáticas (COP) desde 1997, quando foi firmado o Protocolo de Quioto, no Japão. A COP21, que terminou ontem, ao contrário das reuniões anteriores, não estabeleceu metas de redução de emissões de gases, principalmente CO₂. O Acordo de Paris apontou um alvo mais ambicioso, um limite para a temperatura do Planeta, que deverá ficar com aquecimento máximo entre 1,5 e 2 graus centígrados. E isso deve ser alcançado principalmente através do cumprimento de projetos nacionais, estabelecidos por cada um dos países em um documento prévio à COP, chamado INDC, que em tradução livre pode ser Contribuição Nacional Pretendida.

O Brasil apresentou suas metas (INDC) de redução de emissões que apontam para um patamar 37% menor do que as emissões do ano de referência, 2005, até 2025. Essa é considerada uma posição bastante avançada, mesmo entre os países que vem investindo em energias limpas há muito mais tempo. Segundo Izabella Teixeira, ministra do Meio Ambiente, as INDCs apresentadas pelos países devem se converter em Políticas de Estado e ser a plataforma para um salto em direção ao futuro. Izabella explicou que o Brasil aposta muito fortemente na colaboração entre os países, principalmente em uma relação Sul-Sul, com transferências de tecnologias e geração de inovação para manter-se o limite de 1,5 grau de aquecimento.

O termo que ganhou força em Paris foi “Compromissos Voluntários”, o que transforma de maneira definitiva as relações multilaterais. No discurso de encerramento da COP o presidente francês François Hollande apontou o Acordo de Paris como um “marco na história da humanidade”, quando todos os países superaram suas diferenças em prol de um planeta capaz de abrigar e alimentar seus bilhões de habitantes. Há ainda muitas dúvidas em relação às fontes de recursos para as transformações necessárias nas economias e nas matrizes energéticas, mas já há um compromisso de que o investimento anual previsto de US\$ 100 bilhões a partir de 2020 é um piso e não um teto nos esforços de ajuda dos países ricos. 

FONTE: ENVOLVERDE

*jornalista, diretor da Envolverde e especialista em meio ambiente e desenvolvimento sustentável

Brasileira fala em nome da juventude mundial na plenária final da COP21

Na plenária final da COP 21, como de costume, organizações observadoras tiveram uma breve oportunidade para se pronunciar oficialmente. O Youth Climate Movement (Youngo), que reúne as organizações da juventude em todo o mundo na questão climática, escolheu como sua representante neste momento conclusivo nossa coordenadora-geral, Raquel Rosenberg. Esta foi a primeira vez que uma jovem brasileira teve a oportunidade de pronunciar discurso como representante da juventude global numa plenária final de COP. Acompanhe abaixo o discurso da brasileira, traduzido para o português.

“Obrigada, Sr. Presidente. Meu nome é Raquel, eu sou do Brasil. Estou aqui representando o Engajamundo e a coalizão de ONGs da juventude, mas ecoando a voz de milhões mais. Hoje estamos dando um primeiro passo na história. Vocês nos mostraram que juntos podemos superar diferenças e nos deram esperança na humanidade e na solidariedade. Esse é o primeiro passo em direção ao fim da era dos combustíveis fósseis e do desmatamento. Esse é o primeiro passo em direção a um novo tipo de sociedade.

Em 92, vocês foram juntos ao meu país em um espírito de cooperação. Vocês aceitaram que vocês dos países desenvolvidos tinham mais responsabilidade que outros em causar as mudanças climáticas e que vocês também deviam compensar os mais afetados. Com o passar dos anos, este processo tornou-se mais secreto. A sociedade civil foi mantida fora das salas e começamos a nos perguntar – o que vocês têm pra esconder? Agora nós sabemos.

Países ricos, vocês poderiam ter feito muito mais. Vocês não ofereceram nenhum financiamento novo ou adicional. Nós não vimos uma meta para chegar realmente a zero. Suas metas nacionais de redução de emissões (iNDCs) ainda nos levam a um mundo 3 graus mais quente e vocês se recusaram a empreender uma revisão que permitisse desviar para baixo a trajetória da curva de aquecimento antes de 2020. Vocês se eximiram da responsabilidade pelos danos que as suas mudanças climáticas já estão causando.

A juventude das gerações anteriores à minha foram as primeiras a saber da existência das mudanças climáticas e entenderem os desafios que nós como humanidade enfrentamos. Na minha geração, a mudança do clima foi da ciência à realidade, impactando diretamente a vida das pessoas, especialmente os mais pobres e marginalizados. Hoje, o mundo está finalmente caminhando para uma solução. Mas o que atingimos aqui hoje ainda está bem longe de suficiente, nós precisamos ver ações reais!

O trabalho está apenas começando. Nos vemos de novo em nossos países, todos vocês. Vamos trabalhar duro pela justiça climática como jamais fizemos e vamos cobrar vocês dentro de suas fronteiras. Vocês fizeram um pedaço de papel, mas as pessoas nas comunidades são as que estão fazendo a verdadeira mudança.

A minha meta e a de milhões de outros jovens é garantir que as próximas gerações só conheçam as mudanças climáticas em livros de história. Nós podemos fazer isso. Nós vamos ascender mais rápido do que os oceanos, porque nós somos imparáveis, outro mundo é possível.” 

FONTE: ENVOLVERDE

ASSISTA O DISCURSO ORIGINAL EM: [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=MVNGHZZEXQK&FEATURE=YOUTUBE](https://www.youtube.com/watch?v=MVNGHZZEXQK&FEATURE=YOUTUBE)



Crianças que não brincam na natureza não se preocupam em protegê-la

Os ativistas ambientais costumam ser pessoas que passaram a infância imersos na natureza

Se um futuro melhor depende das gerações que ainda estão por vir, então algumas coisas precisam mudar. Em artigo escrito por George Monbiot no jornal britânico *The Guardian*, o autor coloca em cheque as consequências da falta de contato das crianças atuais com a natureza.

A cada ano que passa, as crianças estão mais presas dentro de suas casas. Segundo Monbiot, no Reino Unido, apenas uma em cada dez crianças têm o hábito de praticar atividades ao ar livre em ambiente natural. Em contrapartida, os adolescentes que têm entre 11 e 15 anos gastam metade do dia em frente a uma tela, seja ela de computador, televisão ou *smartphone*. A situação é semelhante em diversas partes do mundo.

O autor cita várias hipóteses para essa mudança. Enquanto nas décadas passadas as crianças tinham mais autonomia para brincar na rua e até mesmo se deslocarem sozinhas, hoje os pais têm que lidar com o medo da violência, do trânsito e de pessoas estranhas. Assim, ficar dentro de casa é a opção mais prática, mas não a melhor delas.

A PESQUISA SUGERE QUE BRINCAR NA GRAMA, ENTRE ÁRVORES, AJUDA ATÉ MESMO A REDUZIR OS SINTOMAS DO DÉFICIT DE ATENÇÃO E DOS PROBLEMAS DE HIPERATIVIDADE

Monbiot coloca esse novo hábito “doméstico” como algo perigoso, principalmente para a saúde. A inatividade dos jovens resulta em doenças como diabetes, obesidade, raquitismo e declínio das habilidades cardio-respiratórias. Muitos desses problemas seriam evitados se as brincadeiras em meio à natureza fossem mantidas, como é possível concluir em um estudo conduzido pela Universidade de Illinois, nos EUA. A pesquisa sugere que brincar na grama, entre árvores, ajuda até mesmo a reduzir os sintomas do déficit de atenção e dos problemas de hiperatividade.

Além da saúde, a falta de contato das novas gerações com a natureza pode se transformar em um problema muito maior. Como ter cuidado ou se preocupar com algo que você não conhece e não tem intimidade? Esta é a questão levantada pelo britânico. Para ele, os ativistas ambientais costumam ser pessoas que passaram a infância imersos na natureza. “Sem um sentimento pelo mundo natural e sua função, sem uma intensidade de envolvimento nas experiências da infância, as pessoas não vão dedicar suas vidas à proteção”, conclui o artigo. 

FONTE: CICLO VIVO

LEIA O ARTIGO EM: [HTTP://WWW.THEGUARDIAN.COM/COMMENTISFREE/2012/NOV/19/CHILDREN-LOSE-CONTACT-WITH-NATURE](http://www.theguardian.com/commentisfree/2012/nov/19/children-lose-contact-with-nature)



Instituto
Hidroambiental
Águas do
Brasil



ENCONTRO
INTERCONTINENTAL
SOBRE A NATUREZA
FORTALEZA · CEARÁ · BRASIL
23 a 25 de NOVEMBRO

ÁGUA. Sonhar
Não Basta.

Carta Fortaleza O2015 define soluções ambientais em educação, comunicação e gestão

Durante o Encontro Intercontinental Sobre a Natureza 2015, que reuniu especialistas ambientais estrangeiros no Centro de Eventos do Ceará, uma carta foi elaborada com base nas discussões e temáticas do evento. O documento foi criado a partir de estudos de engenheiros, geólogos, geógrafos, jornalistas e demais especialistas ambientais com soluções multidisciplinares de preservação do meio ambiente e dos recursos hídricos.

A “Carta Fortaleza O2015” define nove pontos que integram políticas públicas voltadas para preparação de emergências climáticas; fortalecimento dos serviços de assistência técnica e extensão rural; educação ambiental escolar e universitária; convivência com os semiáridos integrais e integradoras entre outros pontos.

No evento ficou ratificada a importância das zonas semiáridas para o equilíbrio da Terra, por serem fornecedoras de uma gama de bens e serviços, incluídos a biodiversidade, o sequestro de carbono, a excelência do ambiente para instalação e uso de fontes alternativas de energia – especialmente a energia solar e eólica – recursos hídricos, riqueza cultural,

oportunidades de atividades econômicas para populações humanas e animais.

ENCONTRO INTERCONTINENTAL SOBRE A NATUREZA

O encontro foi promovido pelo Instituto Hidroambiental Águas do Brasil (IHAB), uma organização não governamental sem fins lucrativos, qualificada como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP). Com sede em Fortaleza, a IHAB conta com a colaboração de profissionais multidisciplinares com experiências em organizações públicas, privadas e do terceiro setor para o cumprimento de sua missão e objetivos.

Leia a seguir a íntegra da carta. 

CARTA DE FORTALEZA O₂₀₁₅

As terras semiáridas ocupam 40% de todo o planeta e são provedoras da sustentabilidade de quase 2 bilhões de pessoas sendo que 51% deste contingente vivem em pobreza extrema e absoluta, especialmente nas zonas rurais dos continentes asiático, e africano e subcontinente latino-americano.

São essas regiões as mais impactadas pela variabilidade climática e maior frequência e severidade das secas que afetam negativamente as economias, populações e ecossistemas locais agravando a degradação e a desertificação.

Os desafios, assim como as potencialidades, para o progresso sustentável das terras áridas e semiáridas são enormes. Apesar de sua importância cultural, social e demográfica e o elevado grau de vulnerabilidade ambiental e econômica, estes imensos espaços geográficos são pouco valorizados como fonte inesgotável de saberes e sabores.

Neste ano de 2015, o Nordeste brasileiro está experimentando o quarto ano consecutivo da mais expressiva seca do século XXI, com um cenário extensivo a 2016, face ao excessivo aquecimento das águas do Pacífico e a intensificação do fenômeno El Niño, que se aproxima do pico histórico.

Diante deste cenário e buscando transformar esta crise em oportunidade de solução, cooperação, integração e intercâmbio, sem fronteiras e nem barreiras linguísticas, cientistas, especialistas, educadores e jornalistas de 36 países uniram forças e trocaram informações e experiências no Encontro Intercontinental sobre a Natureza – O₂, no Diálogo sobre Governança da Água (DWG2015) e no Encontro Internacional de Jornalistas Ambientais, de 21 a 25 de novembro de 2015, em Fortaleza, Ceará - Brasil. Paralelamente se realizaram cursos técnicos, oficinas de Educação Ambiental, apresentações de casos exitosos, projetos inovadores e um Fórum de Líderes Intercontinentais. Foram apresentados temas diversos sobre a Natureza, porém integrados à realidade do ciclo da vida Homem-Natureza-Desenvolvimento, com uma abordagem temática sobre a segurança hídrica, alimentar e do desenvolvimento harmônico do homem dentro dos padrões regidos pelos preceitos de sustentabilidade.

Nos eventos ficou ratificada a importância das zonas semiáridas para o equilíbrio da Terra, por serem fornecedoras de uma gama de bens e serviços, af incluídos a biodiversidade, o sequestro de carbono, a excelência do ambiente para instalação e uso de fontes alternativas de energia – especialmente a energia solar e eólica – recursos hídricos, riqueza cultural, oportunidades de atividades econômicas para populações humanas e animais.

Nos debates técnicos e científicos e nos fóruns não faltaram análises críticas sobre políticas públicas limitadas, descontinuadas, fracionadas e sem priorizarem o componente educacional e de comunicação. E à lentidão das respostas às calamidades que ainda não protegem integralmente as populações urbanas e rurais afetadas, tampouco o meio ambiente.

Mas o objetivo principal foi aproveitar o manancial de conhecimentos, capacidades, experiência e criatividade aqui reunidos para encontrar caminhos rápidos e ações compartilhadas globalmente para prevenir, recuperar, preservar e promover o desenvolvimento destas áreas bem como a sustentabilidade dos recursos hídricos e do meio ambiente em geral.

Para os jornalistas que participaram ativamente dos debates fica a certeza de que para melhor exercer o jornalismo que a urgência e a necessidade recomendam é importante ter acesso às fontes credenciadas para que possam produzir informação qualificada e esclarecedora.

A população, a quem cabe o papel de exigir a tomada de decisões que promovam as alterações urgentes e necessárias que a realidade hídrica e ambiental destas regiões em particular e do planeta em geral requerem, precisa se tornar protagonista e exigir:

1. Políticas públicas de convivência com os semiáridos integrais e integradoras, onde a atuação das múltiplas esferas de poder se articulem sendo capazes de se antecipar aos fenômenos e promotoras de adaptações a estes ambientes secos.
2. Programas e projetos que abarquem as dimensões cultural, ambiental, econômica, social e política.
3. Programas de convivência com o semiárido permanentes e que não sejam meras ações paliativas.
4. Fortalecimento dos serviços de Assistência Técnica e Extensão Rural, de todos os continentes, como ferramentas imprescindíveis para uma política de mitigação e adaptação às mudanças climáticas, adotando novas formas de ação.
5. Programas de educação sanitária e ambiental que desde a pré-escola até a universidade possibilitem a formação de uma nova cidadania, responsável e preocupada com o destino do planeta que irão herdar.
6. Que a cooperação, o diálogo, o intercâmbio e a troca de saberes tornem mais imediatas e factíveis as reformas institucionais e as capacitações necessárias e urgentes de comunicadores, de multiplicadores, de professores, de agentes políticos e da população em geral para que possam promover a pró-atividade indispensável para fazer acontecer.
7. Que a natureza, como fonte de observação e estudos, receba o mesmo respeito e reverência que têm os laboratórios científicos e as salas das universidades. E que estas estudem, analisem e pesquisem com mais afinco a realidade que as cerca.
8. Que a preparação para as emergências climáticas faça parte do cotidiano das cidades e tenha os recursos e os instrumentos já disponíveis para mitigar os efeitos evitando que “acidentes” continuem matando, destruindo e poluindo impunemente.
9. Que os instrumentos, as técnicas e o alcance dos meios de comunicação e a excelência e expertise de jornalistas capacitados façam parte do arsenal de ferramentas que devem estar presentes em todas as iniciativas, projetos e programas, em todas as esferas contribuindo para o empoderamento da sociedade e fortalecimento do protagonismo e controle social.

As entidades e instituições que promoveram estes eventos esperam que no futuro os Encontros e Diálogos sejam para celebrar a natureza!

Fortaleza, 25 de novembro de 2015
 Instituto Hidroambiental Águas do Brasil - IHAB

Confissões de um Assassino Econômico

O livro *Confissões de um Assassino Econômico*, de John Perkins (Editora Cultrix, 272 páginas) é a autobiografia de um homem cujo trabalho era atrair líderes de países subdesenvolvidos a aceitarem empréstimos do FMI e do Banco Mundial. O argumento era que o dinheiro seria usado para expandir a infra-estrutura das estradas, ferrovias, centrais de geração de energia elétrica, as telecomunicações, o que, portanto, traria prosperidade a esses países.

Ele fazia isso como um economista corporativo que deliberadamente exagerava o potencial de retorno econômico desses investimentos. Embora seus projetos sempre fossem descritos como humanitários, os objetivos reais eram geralmente contratos lucrativos para as firmas multinacionais de construção e atrair os países a contrair empréstimos que eles nunca conseguiriam pagar. Ele sabia que alguns políticos e famílias bem conectadas dentro desses países se tornariam muito ricos enquanto o padrão de vida da maior parte da população declinaria.

Quando o pagamento dos empréstimos se tornava impossível, as agências de empréstimos e as grandes empresas então agiam para tomar o controle dos recursos e do governo do país, o que também era parte do plano. Em outras palavras, no mundo moderno, a conquista pela espada deu lugar à conquista pelos empréstimos. Perkins era um estrategista-chave no alto comando das forças de conquista.

É a consciência de Perkins que torna esse livro uma leitura essencial, porque isso é o que o motivou a expor o funcionamento interno da corporatocracia a qual ele serviu. Somente quem esteve dentro poderia contar essa história. Se um pesquisador ou jornalista independente escrevesse essas coisas, o público nunca acreditaria. Entretanto, vindo de um dissidente com credibilidade, elas assumem uma crua realidade que não pode ser facilmente ignorada. Leia alguns trechos a seguir:

“Claudine me disse que havia dois objetivos básicos no meu trabalho. Primeiro, eu devia justificar os enormes empréstimos internacionais que canalizariam rios de dinheiro de volta para a Main [a firma para a qual Perkins trabalhava] e outras companhias americanas (como a Bechtel, Halliburton, Stone & Webster e a Brown & Root) por meio de gigantescos projetos de engenharia e construção. Segundo, eu trabalharia para a falência dos países que recebiam esses empréstimos (depois de terem



DIVULGAÇÃO

pago à Main e às outras contratadas americanas, é claro) de modo que eles seriam dependentes para sempre de seus credores e assim representariam alvos fáceis quando precisássemos de favores, incluindo bases militares, votos na ONU, ou acesso a petróleo e outros recursos naturais.” [pág. 38].

“O aspecto velado de cada um desses projetos era que eles pretendiam criar grandes lucros para os contratantes, e fazer a felicidade de um punhado de famílias ricas e influentes nos países recebedores, enquanto assegurava a dependência financeira a longo prazo e, portanto, a lealdade política de governos ao redor do mundo. Quanto maior o empréstimo, melhor. O fato de que a carga da dívida colocada sobre um país privaria os seus cidadãos mais pobres da saúde, educação e de outros serviços sociais por décadas no futuro não era levado em consideração.” [pág. 39].

“A sutileza da construção desse império moderno faria os centuriões romanos, os conquistadores espanhóis e as forças colonizadoras europeias dos séculos XVII e XIX se envergonharem. Nós, os Assassinos Econômicos, somos astutos; aprendemos com a história. Hoje nós não usamos espadas. Não envergamos armaduras ou roupas especiais para nos proteger. Em países como o Equador, a Nigéria e a Indonésia, nós nos vestimos como professores e donos de lojas. Em Washington e Paris, parecemos burocratas do governo e banqueiros. Parecemos humildes, normais. Visitamos os locais do projeto e passeamos pelas aldeias empobrecidas. Professamos o altruísmo, falamos oficialmente sobre as maravilhosas coisas humanitárias que estamos fazendo. Cobrimos as mesas de conferências das comissões dos governos com as nossas planilhas eletrônicas e projeções financeiras, e proferimos palestras na Harvard Business School sobre os milagres da macroeconomia. Somos conhecidos, acessíveis. Ou nos apresentamos como tais e somos aceitos. É assim que o sistema funciona. Raramente recorremos a alguma coisa ilegal porque o próprio sistema é construído sobre subterfúgios, e o sistema por definição é legítimo.”

“Entretanto — e esse é um grande empecilho — se falharmos, uns tipos ainda mais sinistros entram em ação, os quais nós, os Assassinos Econômicos, chamamos de chacais, homens cuja linhagem remonta diretamente aos impérios primitivos. Os chacais estão sempre presentes, espreitando nas sombras. Quando eles aparecem, os chefes de Estado são derrubados ou mortos em violentos ‘acidentes’. Se por acaso os chacais falham, como falharam no Afeganistão e no Iraque, então os antigos modelos ressurgem. Quando os chacais falham, jovens americanos são enviados para matar e morrer.” [pág. 22].

UFPB está próxima de cura para asma com medicamento a base de planta nativa do semiárido

Há mais de 30 anos, a UFPB pesquisa a Milona, planta nativa do semiárido brasileiro. A finalidade é tratar e até curar a asma, porém, embora haja resultados de eficácia, o produto ainda não foi testado em humanos.

Isso significa que os pacientes terão que esperar pelo menos até 2020 para que o medicamento chegue ao mercado. Além da demora natural dos estudos, faltou estrutura. “Não tínhamos estrutura adequada para realizar os testes em humanos. O Hiperfarma é novo e agora sim podemos iniciar testes clínicos”, afirmou Marianna Sobral, diretora de farmacologia e toxicologia do instituto.

“A Milona foi trazida pela atual reitora Margareth Diniz, quando um médico relatou que o chá podia tratar bronquite e asma. Existem estudos cardiovasculares, de imunologia, psicofarmacologia e trato intestinal, mas a área respiratória é a que está mais configurada. A importância em relação a aminofilina, sintético tradicional, é que além da atividade bronco-dilatadora, a milona é capaz de regenerar os tecidos pulmonares. Assim, ela age nos sintomas, desinflamando e a pessoa pode até deixar de ser asmático”, revelou o diretor do Hiperfarma, Rui Macedo.

Ele espera que em um ano os testes em humanos sejam iniciados. O chá de milona já é utilizado, mas não foi reconhecido ainda como planta medicinal pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária.

Com a conclusão da fase clínica, é preciso esperar mais dois anos para o registro da medicação. A universidade também pensa em inserir a milona em alimentos. O diretor espera que o chá seja acessível à população através do Sistema Único de Saúde. Mais de 300 pesquisas Na Universidade Federal da Paraíba, esse tipo de pesquisa é realizada pelo Hospital Universitário e o Instituto de Pesquisa em Fármacos e Medicamentos (Hiperfarma) ligado ao Centro de Ciências da Saúde.

Cerca de 40 pesquisadores e 220 alunos de pós-graduação desenvolvem estudos no antigo LTF (Hiperfarma). A Coordenação Geral de Pesquisa da UFPB recebeu 319 projetos, 241 envolvem seres humanos e 79 apenas animais, que devem ser iniciados no próximo mês.

PLANTAS VÃO REDUZIR DEMORA

O diretor do instituto, Rui Macedo, explica o desenvolvimento das pesquisas. “A lei proíbe que se façam testes em humanos antes de fazer com animais. No biotério ocorre a parte experimental, o cultivo de animais, engorda, crescimento e reprodução. Nos laboratórios são estudados desde a química, testes não-clínicos e clínicos (com animais e com humanos) até à tecnologia do medicamento”, disse o professor.

O professor, que pesquisa fitoterápicos, acredita que as plantas medicinais vão reduzir a demora nas pesquisas, pois já parte de um conhecimento popular. “Já é algo que a medicina popular utiliza para tratar doenças. Por isso, a gente já sabe se tem uso farmacêutico, com isso, o tempo da pesquisa será reduzido em comparação com os sintéticos”, complementou. 

FONTE: PORTAL DO LITORAL PB

Reciclar ajuda o meio ambiente e o bolso



A Central de Tratamento de Resíduos de São Gonçalo (RJ), com apoio da Secretaria de Meio Ambiente, inaugurou no dia 18 de dezembro, no centro de convivência da comunidade do Anaia, um polo de educação ambiental modular que funcionará também como ponto de entrega voluntária de materiais recicláveis – o Ecoponto. Além de destinar seus resíduos recicláveis de forma correta e sustentável, os moradores da comunidade terão desconto em suas contas de energia, graças a uma parceria entre a Foxx Haztec e a Ampla.

A destinação correta de resíduos é de extrema importância, uma vez que a quantidade de lixo que produzimos é muito grande – aproximadamente 1,3kg por pessoa a cada dia. O município de São Gonçalo tem o privilégio de ter seu próprio aterro sanitário, que faz este serviço de destinação adequada de resíduos. Uma parcela destes rejeitos pode ser reaproveitada e, para isso, a coleta seletiva é um ponto de partida. Reciclando o lixo, a poluição e o desmatamento são reduzidos, a economia de energia aumenta e a qualidade de vida da população melhora.

O Ecoponto é parte do Ação Recicla, programa de educação ambiental que desenvolve atividades relacionadas a resíduos sólidos com o intuito de capacitar, engajar e estimular a participação da população do entorno dos empreendimentos da companhia, principalmente de crianças e jovens em idade escolar. O projeto visa conscientizar e sensibilizar a nova geração de brasileiros na defesa e preservação do meio ambiente, afinal a destinação correta do lixo é um problema de todos nós. 

SAIBA MAIS EM: WWW.HAZTEC.COM.BR –
OUVIDORIA 0800 024 6114.

Menos de 3% das multas ambientais cobradas no Brasil são pagas

De cada 100 reais em multas aplicadas pelo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente (Ibama) desde 2011 para quem infringiu regras ambientais, menos de três reais entraram nos caixas do Governo federal. Os dados constam de um relatório do órgão que é entregue ao Tribunal de Contas da União (TCU) anualmente. Entre janeiro 2011 e setembro de 2015, foram aplicados 16,5 bilhões de reais em punições, por exemplo, a empresas que emitiram gases poluidores acima do limite aceitável, petroleiras responsáveis por derramamento de óleo no mar ou madeireiras que desmataram áreas proibidas, entre outros. Desse valor, apenas 494,2 milhões acabaram sendo efetivamente pagos pelas empresas infratoras.

O assunto ganha fôlego depois do desastre de Mariana que matou aos menos 11 pessoas, número que pode subir para 23, uma vez que outras 12 estão desaparecidas. No cálculo do Ibama ainda não está relacionada a multa de 250 milhões de reais aplicada à mineradora Samarco, responsável pelo desastre na cidade mineira de Mariana e no rio Doce, que atinge os Estados de Minas Gerais e o Espírito Santo. O rompimento de uma barragem desta mineradora, que é controlada pela Vale, a maior mineradora do Brasil, e pela australiana BHP (a maior do mundo), resultou em um tsunami de lama que devastou ao menos três municípios mineiros e já alcançou o estado do Espírito Santo.

Entre os motivos para se ter uma arrecadação tão baixa, em comparação com os valores de multas aplicados, é o excesso de recursos judiciais a que tem direito as companhias. Quando uma empresa recebe um auto de infração ela tem ao menos duas instâncias administrativas para recorrer dentro do próprio Ibama. Além disso, pode buscar um aparo do Judiciário para evitar ou protelar o pagamento.

O baixo número de autoridades julgadoras das ações administrativas – hoje são sete servidores com essa função nas últimas instâncias, em Brasília, para analisar cerca de 14 mil casos anuais –, também colabora para a lentidão nos julgamentos. Conforme fontes do Ibama, na área administrativa, um processo leva até três anos para ser concluído. Ou seja, com mais recursos financeiros, as empresas colocam seus advogados para brechar as punições com mais velocidade que os fiscais podem empregar para cobrar respeito à legislação. Assim, o Governo fica atrás com um funil para lidar com as agressões ao meio ambiente, que podem desembocar em tragédias como a de Mariana. A lentidão levou a milhares de crimes prescritos entre 2012 e 2013, quando 8.580 processos perderam o prazo legal para condenar os autores das infrações, segundo o relatório de gestão entregue ao TCU.

Há um esforço pela melhoria desse quadro há alguns anos. Em 2013, por exemplo, a média de tempo para a conclusão da análise de um auto de infração era de quatro anos e três meses. Em 2012, cinco anos e sete meses.

Os dados dos relatórios obtidos pelo *EL PAÍS* somados ao, em alguns casos, reduzido valor da multa em comparação com o tamanho do dano ambiental – o teto das multas no Brasil é de 50 milhões de reais – implicam na precipitada sensação de impunidade. Ocorre que as multas não são o único instrumento para punir as empresas poluidoras ou responsáveis por desmatamentos. Para interferir no patrimônio das infratoras, o Ibama pode sugerir o embargo, a interdição ou a suspensão do registro de funcionamento. Sem poder funcionar, ela não consegue fazer o dinheiro circular e, algumas vezes, se vê forçada a pagar as multas e se adequar às regras ambientais. Isso tem ocorrido com frequência em relação às madeireiras que atuam principalmente na Amazônia.

Uma outra frente é inscrever as infratoras no Cadastro dos Inadimplentes do Governo Federal (Cadin). Uma vez com o nome sujo, as empresas não podem assinar contratos com a União nem obter uma série de benefícios como isenções fiscais ou créditos em bancos públicos.

Mas, quando se compara o valor da multa inicial da Samarco (250 milhões de reais, somando cinco infrações, que vão da poluição dos rios ao lançamento de resíduos danosos à biodiversidade) com a paga pela British Petroleum, por exemplo, de 20,7 bilhões de reais pelo vazamento de petróleo no Golfo do México em 2010, a impressão é que o Brasil precisa ser mais rigoroso no assunto.

O Ibama tem defendido mudanças nas regras ambientais para alterar o limite de 50 milhões de reais. Em uma audiência recente na Câmara dos Deputados que discutiu o desastre de Mariana, o diretor de proteção ambiental do órgão, Luciano Evaristo, externou essa posição do instituto. “Quando se limita uma autuação a 50 milhões de reais, o empreendedor que tem um custo de 500 milhões de reais para segurança vai preferir deixar tudo cair, porque o valor da multa será menor. Temos que rever esse valor máximo”, afirmou.

Apesar do valor das multas aplicadas pelo Ibama parecer pequeno diante do dano causado pela tragédia, o presidente da Comissão de Direito Ambiental da OAB Minas, Mário Werneck, ressalta que não se pode confundir essa penalidade com a indenização total que a Samarco terá que pagar. “Só com a finalização da ação civil pública será possível mensurar o que terá que ser repassado pela empresa para a recuperação ambiental da região afetada e a reparação dos danos às vítimas”, explica Mário Werneck.

Nesta quarta-feira, a mineradora recebeu uma nova notificação de multa. Dessa vez, ela foi notificada pela Subsecretaria Estadual de Fiscalização de Meio Ambiente de Minas, que penalizou a mineradora em 112, 69 milhões de reais pelos danos ambientais causados pelo rompimento da Barragem Fundão, no início do mês. A Samarco confirmou o recebimento da notificação e terá o prazo de até 20 dias do recebimento do auto de infração para pagar a multa ou apresentar a defesa.

A pressão sobre a mineradora deve crescer com uma ação conjunta que deve ser impetrada pelo Governo de Minas Gerais e Espírito Santo na Justiça, segundo informa o O Estado de S. Paulo deste sábado. O governador capixaba Paulo Hartung afirmou ao jornal que um pro-

Multimilionários criam fundo para investir em energias renováveis

Bill Gates deu o mote e 27 multimilionários de 20 países juntaram-se a ele para criar um projeto de investigação de 'energias limpas'. A iniciativa deverá ser apresentada hoje na Cimeira do Clima

por MARLENE CARRIÇO



ACERVO PESSOAL

O multimilionário Bill Gates deverá anunciar ainda esta segunda-feira, no arranque da Cimeira do Clima de 2015, um projeto de investigação e desenvolvimento baseado em 'energias limpas'. O projeto 'Cleantech' conta com o apoio de investidores privados e de governos de 20 países desenvolvidos e em vias de desenvolvimento. O objetivo é duplicar o investimento em 'energias limpas' até 2020.

Há quem já diga que se trata da maior iniciativa corporativa e de representantes internacionais da história. O cofundador da Microsoft comprometeu-se a duplicar o seu próprio investimento em investigação de energias amigas do ambiente, nos próximos cinco anos, para um total de dois mil milhões de dólares (1,8 mil milhões de euros).

A Bill Gates juntaram-se outros 27 multimilionários como Mark Zuckerberg, fundador e CEO do Facebook, Jeff Bezos, fundador e CEO da Amazon e dono do jornal The Washington Post, Jack Ma, fundador e presidente do grupo Alibaba, e Mukesh Ambani, presidente, CEO e maior acionista da Reliance Industries Limited.

A estes investidores privados, juntam-se 20 países, como Estados Unidos, França, Índia, Coreia do Sul, Indonésia, Arábia Saudita, Austrália, Canadá e Noruega, num plano chamado "Missão Inovação" e que prevê a duplicação do investimento destes países na busca de energias de baixa ou nenhuma emissão de carbono nos próximos cinco anos. O compromisso é duplicar o atual investimento anual de 10 mil milhões de dólares (9,4 mil milhões de euros), segundo detalhou este domingo Brian Deese, assessor do presidente Barack Obama para os assuntos do clima.

Os Estados Unidos alertam que um compromisso deste género é fundamental para limitar a subida da temperatura global, já que as promessas de corte de gases de estufa assumidos pelos vários países não estão a ser suficientes para alcançar esse objetivo.

Escreve a Reuters que o acesso a tecnologia de 'energia limpa' terá um papel chave num acordo global para combater as alterações climáticas. Durante as próximas duas semanas, cerca de 150 líderes mundiais vão discutir uma posição sobre o futuro do clima e o combate às alterações climáticas. 

FONTE: OBSERVADOR.PT

cesso do género foi adotado nos Estados Unidos pelos Estados atingidos pelo vazamento da BP em 2010. O desastre de Mariana ganhou a boca do povo no Brasil e a cobrança por uma punição tem sido crescente. Nesta sexta, o vocalista da banda Pearl Jam, Eddie Vedder, que se apresentava em Belo Horizonte, capital mineira, leu um texto em português para falar do desastre de Mariana. "Esperamos que eles sejam punidos, duramente punidos para que nunca esqueçam o triste desastre causado por eles", disse ele, para delírio da plateia.

MULTAS ANISTIADAS

Com um programa de concessões em infraestrutura lançado este ano, que prevê investimentos de até 200 bilhões de reais, o Governo brasileiro deve ser cada vez mais cobrado por uma legislação ambiental eficiente diante dos problemas que tendem a surgir nesses empreendimentos. Atualmente, além das multas ambientais não serem pagas pela maioria das empresas, algumas infrações são anistiadas por falta de recursos para bancar os custos dos processos judiciais. Em agosto, o governador mineiro, Fernando Pimentel (PT), sancionou uma lei que permite ao Sistema Estadual do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Sisema) anistiar multas ambientais de até 15.000 reais que foram emitidas até o fim de 2012. A medida também será aplicada para infrações de até 5.000 reais que foram notificadas em 2013 e 2014 e deve anistiar cerca de 120 mil multas.

"Um processo de cobrança judicial, hoje, para o Estado de Minas Gerais, custa em torno de 16 mil reais, segundo cálculos da Advocacia Geral do Estado. Qualquer cobrança de crédito abaixo desse valor significa que o Estado paga para receber", explicou o secretário de Estado do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, Sávio Souza Cruz por meio de nota enviada pelo Sisema.

Werneck é contra a medida já que, segundo ele, muitas empresas já deixam de pagar porque sabem que serão anistiadas. "Se eu aplico multas elas precisam ser cobradas, mas a verdade é que não há um corpo técnico para atuar. Se eles resgatassem essas multas poderiam inclusive aumentar o pessoal, a fiscalização. É um absurdo", explica.

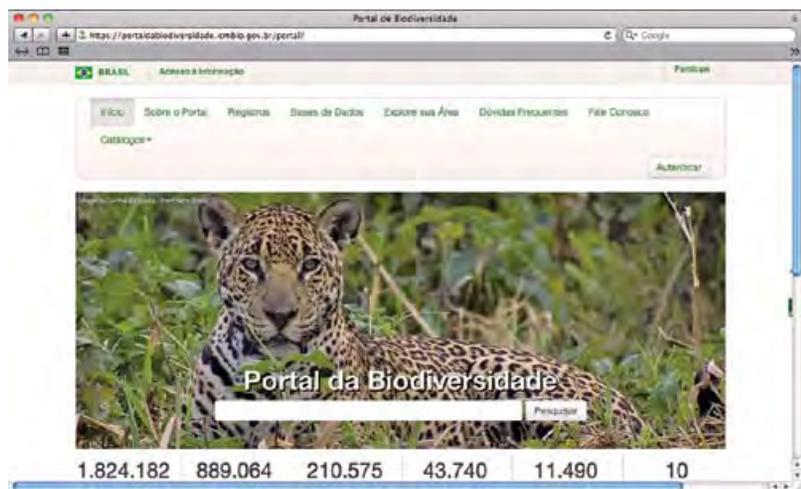
Para o presidente da Comissão de Direito Ambiental da OAB Minas, Mário Werneck, é preciso estudar um novo modelo de barragem e aplicar uma maior fiscalização da atividade já que, segundo ele, Minas Gerais possui 450 barragens de rejeitos e 45 delas estão com as licenças desatualizadas, à espera de revalidação. "Mas o que acontece aqui é que temos apenas quatro fiscais. Estamos em cima de uma bomba atômica em Minas Gerais". 

FONTE: ENVOLVERDE

Lançado Portal da Biodiversidade

por JANAÍNA SIMÕES, DA ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO DA POLI

Espaço reúne informações sobre a flora e fauna do país



O portal pode ser acessado em biodiversidade.icmbio.gov.br/portal/

Pesquisadores da Escola Politécnica (Poli), da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH), ambas da USP, e do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE) da Unesp de Rio Claro, com apoio do Núcleo de Pesquisa em Biodiversidade e Computação da USP (NAP – BioComp) e da Fundação FDTE, foram responsáveis pelo desenvolvimento do Portal da Biodiversidade, trabalho de pesquisa que contou com apoio da agência alemã Deutsche Gesellschaft für Internationale Zusammenarbeit (GIZ). O lançamento aconteceu no fim de novembro, em Brasília. O portal reúne informações valiosas e inéditas sobre a flora e fauna do Brasil. O Instituto Chico Mendes (ICMBio), vinculado ao Ministério do Meio Ambiente (MMA), é responsável por todas as unidades de conservação ambientais federais e detentor de destes dados. Contudo, até o desenvolvimento da nova plataforma – que teve a coordenação da Poli – as informações estavam dispersas em órgãos e instituições do MMA. A partir de agora esses dados estarão acessíveis para cientistas e a sociedade em geral.

“São informações preciosas e inéditas que estarão disponíveis para toda a sociedade, fundamentais para uma efetiva política de conservação da nossa biodiversidade. Não podemos proteger o que não conhecemos”, destaca o professor doutor Pedro Luiz Pizzigatti Corrêa, coordenador do grupo de pesquisa e que trabalhou em parceria com professor doutor Antônio Mauro Saraiva e a professora doutora Liria Matsumoto Sato, todos do Departamento de Engenharia de Computação e Sistemas Digitais (PCS) da Poli, além de alunos do programa de pós-graduação em Engenharia Elétrica (área de concentração em Engenharia de Computação) da Poli.

Corrêa foi selecionado como consultor do MMA e coordenou o Grupo Técnico de Integração de Dados de Biodiversidade (GT-MMA), entre 2011 e 2012. O grupo definiu as diretrizes para o compartilhamento da informação no âmbito do Ministério e optou pelo uso de ferramentas do tipo “código aberto” (open source). Em 2013, partiu-se então para o trabalho de organizar e tornar público os dados do ICMBio, uma das cinco instituições vinculadas ao MMA – as outras são o Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, o Instituto

Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama), o Serviço Florestal Brasileiro (SFB) e a Agência Nacional de Águas (ANA).

MAIS DE 1,5 MILHÃO DE REGISTROS

“Desenvolvemos uma arquitetura de sistemas de informação que integra as diferentes bases de dados sobre biodiversidade existentes no ICMBio, formadas por dados gerados do monitoramento das unidades de conservação e por centros de pesquisa a ele vinculados”, explica. O Portal da Biodiversidade brasileiro do Ministério do Meio Ambiente foi desenvolvido com base num sistema existente da Austrália, considerado o estado da arte em termos de arquitetura e gestão de dados sobre o tema.

Coube aos pesquisadores projetar e desenvolver essa arquitetura, de forma que pudesse agregar os dados da fauna no âmbito do ICMBio, integrando-os e disponibilizando-os por meio de um portal de dados. Os pesquisadores desenvolveram um sistema que integra diferentes bases de dados, disponíveis em instituições e unidades de conservação dispersas em todo o Brasil, envolvendo dados de conservação de primatas, aves, mamíferos marinhos, tartarugas marinhas do Projeto Tamar, dentre outros.

O Portal disponibiliza mais de 1,5 milhão de registros de observações de espécies animais, ameaçadas ou não de extinção. Pode-se pesquisar no site por espécies, usando o nome científico ou comum, por unidade de conservação, bioma, locais onde espécies foram avistadas etc.

Parte das atividades do grupo da Poli/USP incluiu a capacitação dos pesquisadores e técnicos do ICMBio, envolvendo aproximadamente 80 pessoas de centros de pesquisa e unidades de conservação, de modo que o Instituto poderá fazer a operação e atualização automática dos dados do portal. Outro resultado prático é a publicação de dois livros que tratam da gestão de dados de biodiversidade e de recomendações técnicas que apoiarão tanto o MMA como outras instituições brasileiras na integração e disponibilização de dados de biodiversidade. 

FONTE: UNESP

MAIS INFORMAÇÕES: (11) 5081-5237 / 5549-1863,
COM ÉRIKA CORADIN - ERIKA@ACADEMICA.JOR.BR

5 plantas que a Nasa recomenda para purificar o ar da sua casa

Além de deixarem o ambiente de qualquer casa mais alegre, as plantas são ideais para filtrar o ar do local. Mas nem todas cumprem essa tarefa com a mesma eficácia.

Em 1989, a Nasa fez um estudo para determinar quais as mais indicadas para cumprir essa missão em um ambiente fechado. A pesquisa levou em consideração vários poluentes do ar, além das características das plantas e da facilidade de se obtê-las. Os poluentes mais comuns e que as plantas se encarregam de filtrar são: benzeno, xileno, amoníaco, tricloroetileno e formaldeído.

A *BBC Mundo* entrou em contato o autor do estudo, Bill Wolverton, que hoje dirige a ONG Wolverton Environmental Services, para ver se as recomendações da época continuam valendo.

Ele resumiu a lista e recomendou as cinco melhores plantas para limpar o ar de uma casa. E também sugeriu “ter variedade, já que algumas são melhores que outras para eliminar substâncias químicas específicas do ar”.

Essa é a seleção feita por Wolverton:

JIBOIA (*EPIPREMNUM AUREUM*)



Uma planta folhosa bem popular e fácil de ser obtida. É muito resistente e não requer grandes cuidados. Por isso é bastante utilizada em escritórios, comércio e outros locais públicos.

Se adapta facilmente a temperaturas entre 17°C e 30°C, e só é preciso regá-la quando a terra estiver seca. É eficaz na absorção de formaldeído, xileno e benzeno.

ESPADA-DE-SÃO-JORGE (*SANSEVIERIA TRIFASCIATA*)

De origem africana, é bastante utilizada na decoração de interiores, até por ter a vantagem de sobreviver bem em condições desfavoráveis.

Pode aguentar temperaturas bem altas (até 40°C) e bem baixas (-5°C), se esses extremos ocorrerem de maneira esporádica. É boa para eliminar benzeno, xileno, formaldeído e também o toluene e o tricloroetileno.



PALMEIRA-DAMA (*RAPHIS EXCELSA*)

Também conhecida como palmeira-ráfis, ela é originária da Ásia e pode chegar a até 3 metros de altura. Seu cultivo é melhor em áreas com temperaturas medianas e sem luz direta. De acordo com a agência especial Americana, ela se encarrega de eliminar do ar o formaldeído, xileno e amoníaco.



LÍRIO DA PAZ (*SPATHIPHYLLUM*)

É uma planta que sobrevive com pouca luz e pouca água. Ela cresce em temperaturas superiores a 18°C e é bastante longeva. Recomenda-se que ela seja mantida longe de correntes de ar. Ela absorve os cinco contaminantes de ar analisados pela Nasa.



ÁRVORE-DA-BORRACHA (*FICUS ELASTICA*)

É muito resistente e, como tem um alto índice de transpiração, ajuda a manter a umidade do ar. Em poucos anos, ela pode crescer muito rápido. É eficiente na eliminação do benzeno, xileno e toluene e também age contra o formaldeído e o tricloroetileno. 🌿

FONTE: BBC BRASIL

Ryan Hreljac: um dos homens que você deveria conhecer

Nós deveríamos acreditar mais nas crianças. Por diversas vezes ignoramos sua capacidade ou dizemos que elas estão sonhando demais quando querem mudar o mundo



ADALBERTO RODRIGUES

por **LEONARDO COSTA**

Ryan Hreljac, canadense, nascido em 31 de maio de 1991 (mais novo que muitos leitores PdH, não?), desde pequeno desejava um mundo mais justo e não entendia o motivo de tantas pessoas morrerem de sede ou por água contaminada na África. O cara já beneficiou mais de 700 mil vidas.

A AULA ONDE TUDO COMEÇOU

Com apenas seis anos, Ryan Hreljac estava assistindo uma aula na sua escola em Kemptville, Canadá, quando a professora disse que todos os anos milhares de crianças africanas ficavam doentes ou morriam por ingerir água contaminada. As condições de saneamento eram péssimas e as crianças tinham que andar vários quilômetros por dia para conseguir um pouco de água. Suja e escura, longe de ser potável.

Ryan esteve em Curitiba, em setembro deste ano, para participar como palestrante no VIII Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação (CBUC)

Ryan se comoveu com a história, pois ele tinha água limpa a hora que quisesse, sem nenhum esforço, bastava abrir a torneira. Perguntou para sua professora qual o valor que precisaria para levar água para as crianças africanas e ela se lembrou da ONG WaterCan que perfurava poços na África e que um poço pequeno deveria custar cerca de 70 dólares.

Ryan chegou todo animado em casa e disse para sua mãe, Susan, que precisava de 70 dólares para construir um poço para as crianças da África. Ela não lhe deu o dinheiro de imediato e informou que ele teria que fazer tarefas domésticas por um bom tempo para poder arrecadar esse valor. O pequeno garoto trabalhou durante 4 meses até conseguir o dinheiro. Isso o fez se sentir muito mais produtivo, participativo e ligado à causa do que se tivessem lhe dado a quantia logo de cara.

Ryan e sua mãe foram até a WaterCan, mas parece que às vezes o mundo se recusa a receber nossos presentes para testar a motivação de nossa generosidade. Na ONG informaram ao garoto que somente a bomba manual custava 70 dólares! Para a perfuração do poço o valor era 2.000 dólares. Susan disse que não poderia lhe dar esse dinheiro, nem que ele fizesse tarefas domésticas a vida toda. Ryan falou que voltaria em breve com o dinheiro.

A energia e determinação de Ryan animaram vizinhos, irmãos e amigos. Todos se propuseram a trabalhar, vender produtos e conseguir doações. Em pouco tempo arrecadaram 700 dólares e a WaterCan prometeu que completaria o restante do valor.

O POÇO QUE BENEFICIOU MILHARES DE VIDAS

Em 1999, o tão almejado poço foi construído na Angolo Primary School, em Uganda, beneficiando milhares de pessoas com água potável. A história, porém, não termina aí. Essa foi apenas a realização de uma pequena parte do sonho de Ryan.

Depois da construção do poço, foi feita uma parceria entre a escola do Canadá (Holy Cross Public School) e a de Uganda (Angolo Primary School), pela qual as crianças podiam trocar correspondências. Numa dessas correspondências Ryan conheceu Jimmy Akana, um garoto que antes da construção do poço tinha que andar oito quilômetros para buscar água imunda. O recipiente que Jimmy carregava era pequeno, tinha no máximo capacidade para 10 litros, assim ele tinha que fazer várias viagens para completar o pote que tinham em casa e só depois ir à escola.

Ryan ficou emocionado com o que Jimmy lhe contou. As correspondências já não eram suficientes: queria conhecê-lo pessoalmente, sentir a realidade dele e das outras crianças. Os

pais de Ryan percebiam que mesmo com a construção do poço, o filho não parava e continuava dedicado, lutando por mais doações e com muito esforço financeiro lhe presentearam com uma viagem para Uganda.

Em 2000, Ryan, seus pais e o guia chegaram de caminhonete por uma estrada de terra ao pequeno vilarejo onde foi construído o poço. Ryan ficou surpreso, pois havia milhares de crianças enfileiradas batendo palmas para ele. Os líderes do aldeia levaram Ryan até o poço e lhe pediram pra ler o que estava escrito no concreto: “Poço de Ryan. Financiado por Ryan Hreljac. Para a comunidade de Angola”.

A FAMÍLIA HRELJAC GANHA UM NOVO MEMBRO

Jimmy Akana, o africano que conheceu Ryan na primeira viagem que ele fez para Uganda, estava passando por maus bocados. No dia 20 de outubro de 2002, no meio da noite, Jimmy foi sequestrado violentamente pela Lord's Resistance Army (LRA), um grupo rebelde que tentava derubar o governo e que já tinha capturado mais de 20 mil crianças desde 1986, transformando crianças em soldados e forçando-as a matar e raptar pessoas do seu próprio povo.

Desde a visita para Uganda, em 2000, os pais de Ryan, Mark e Susan Hreljac enviavam para Jimmy, roupas, livros e dinheiro para escola. Por um momento Jimmy desanimou e pensou que nunca mais veria Ryan e os pais dele, mas pra quem enfrentou a sede durante anos, escapar não parecia ser tão impossível assim. Jimmy fugiu da cordas e correu. Os soldados deram vários tiros, mas ele conseguiu se esconder na floresta.

Jimmy estava sem teto e sozinho, quando se lembrou de Tom Omach, gerente de projetos, que cresceu perto da vila dele e que organizou a primeira viagem de Ryan para a África. Jimmy chegou a casa de Tom muito assustado e ele prontamente abraçou o garoto e disse que não estavam seguros ali, pois algum vizinho amedrontado poderia denunciá-lo. Tom pedalou por sete quilômetros para a casa do tio de Jimmy e o deixou o garoto lá, dizendo que voltaria em breve para buscá-lo.

Tom Omach mandou uma *email* para família de Ryan e todos ficaram preocupados com a situação, não conseguiam dormir e queriam que Jimmy viesse para Canadá o quanto antes. Depois de um plano bem sucedido, Jimmy finalmente chegou ao Canadá e foi morar na casa de Ryan. A permanência definitiva no país não foi nada fácil. Depois de muita papelada, empréstimo feito pela família Hreljac para contratar advogado e audiência com o juiz, Jimmy felizmente estava regularizado no país e podia ficar.

Hoje em dia, Jimmy é um membro permanente da família Hreljac, concluiu o ensino médio e se adaptou bem a nova língua e ao país. Ele é o braço direito de Ryan na Fundação (Ryan's Well Foundation), fazendo apresentações e oferecendo seu conhecimento no mundo todo sobre questões da água.

A FUNDAÇÃO DE RYAN

A Ryan's Well Foundation, criada em 2001, acaba de completar 10 anos. Ajudou a construir mais de 630 poços e 700 latrinas, levando água potável e serviços de saneamento básico para mais de 705 mil pessoas.

Ryan é reconhecido pela Unicef como Líder Global da Juventude e continua dedicado e empolgado com seu trabalho na Fundação, dando palestra em vários países, escolas, igrejas, clubes, eventos e conferências, falando de forma apaixonada sobre a necessidade de água limpa em todo o mundo. Ensina também a população local a cuidar corretamente dos poços e da água.

No *site* da fundação é possível fazer doações, conhecer os projetos e até receber dicas, passo a passo de como fazer seu próprio projeto e arrecadar fundos. Nem a distância é problema, pois eles também realizam palestra por *Skype*, basta entrar em contato. 

FONTE: PAPO DE HOMEM

Brasileira de 92 anos receberá o principal prêmio de agricultura orgânica mundial

Uma das pioneiras do movimento orgânico no Brasil, a austríaca naturalizada brasileira foi escolhida pelo grande impulso que deu aos movimentos agroecológicos não só no Brasil, como na América Latina, contribuindo, segundo os organizadores, para moldar um paradigma alternativo à agricultura industrial.

Depois de 65 anos na luta pela saúde dos solos, a engenheira agrônoma Ana Primavesi, de 92 anos, receberá o *One World Award* – o principal título de agricultura orgânica mundial. Conferido pela International Federation of Organic Agriculture Movements (Ifoam), o prêmio honra ativistas cujo trabalho tenha impactado positivamente a vida de produtores rurais, sobretudo os mais desfavorecidos. Neste ano, a cerimônia será realizada em setembro, na Alemanha.

Ana dedicou a sua vida a ensinar como é possível aliar a produção de alimentos à conservação do meio ambiente, nunca se esquecendo do pequeno produtor e das suas necessidades. “O segredo da vida é o solo, porque do solo dependem as plantas, a água, o clima e nossa vida. Tudo está interligado. Não existe ser humano sadio se o solo não for sadio e as plantas, nutridas”, disse em entrevista ao jornal *O Estado de S. Paulo*.

Em 65 anos de trabalho, Ana não somente revolucionou a produção agrícola, mas também mudou a vida de muita gente para melhor. Por isso esse prêmio é mais que merecido. Se você quer se familiarizar um pouco mais com o trabalho desta agrônoma espetacular, vale a pena ler o livro *Manejo Ecológico do Solo* – escrito por ela e considerado uma das bíblias da produção orgânica e leitura obrigatória nas faculdades de Agronomia do país – ou assistir o documentário *O Veneno Está Na Mesa*, com falas de Eduardo Galeano. 

FONTE: JORNAL JÁ

Brasileira recebe prêmio internacional para testes sem animais

por JÚLIA WARKEN

A pesquisadora brasileira Bianca Marigliani foi uma das vencedoras do *Lush Prize* desse ano, na categoria Jovem Pesquisador. Realizada anualmente pela empresa britânica Lush Cosmetics, essa é a maior premiação do mundo na área de iniciativas alternativas aos testes com animais.

Bianca é doutoranda em biotecnologia pela Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) e seu estudo visa acabar com o uso de soro bovino fetal em testes que medem o risco de alergias provocado por agentes químicos.

Atualmente utilizado em larga escala, esse método retira o sangue de fetos bovinos vivos através de punção cardíaca sem anestesia.

O que a brasileira vem desenvolvendo é uma alternativa para adaptar células a um meio de cultivo sintético *in vitro*. Além de dispensar a crueldade animal, esse outro método também é capaz de fornecer resultados mais precisos do que o tradicional e apresenta menor risco de contami-

nação. Com o prêmio, a bióloga recebeu 10 mil libras para investir em sua pesquisa.

“Além de ser antiético, o soro usado para cultivo de células apresenta problemas técnicos - por exemplo, risco de contaminação. [...] quando as pessoas entendem os métodos alternativos *in vitro* e os avanços da ciência, elas percebem que eles são melhores não só em relação aos animais, mas tecnicamente, na segurança dos produtos para uso humano. Células humanas respondem diferente de animais”, disse Bianca em entrevista ao UOL.

O Lush Prize premia esse tipo de iniciativa desde de 2012 e, inicialmente, distribuía 250 mil libras entre os vencedores.

Em 2015 a premiação bateu seu recorde e disponibilizou um total de 450 mil libras (o equivalente a 2,6 milhões de reais) a 18 ganhadores de 9 países diferentes.

Essa é a segunda vez que um brasileiro figura entre os vencedores. No ano passado o biólogo Róber Bachinski recebeu o Prêmio Jovem Pesquisador pelo projeto 1R Net, plataforma que mapeia universidades que utilizam animais em pesquisas e que oferece consultoria sobre métodos alternativos à crueldade. 

FONTE: M DE MULHER



INSTITUTO
REDE
**VIVA
MAR
VIVO**
REDEMAR

Registre, Publique. Faça a Diferença!







Disponível nas lojas do Play store Gratuito

COP21: governo do rio assina acordo com 28 estados e regiões do mundo para mitigar os efeitos das mudanças climáticas

Proposta do governo estadual foi apresentada pelo secretário estadual do Ambiente, André Corrêa, durante a conferência

O secretário estadual do Ambiente, André Corrêa, representando o Governo do Rio de Janeiro, assinou o *Pacto de Paris sobre a Água e Mudança Climática nas Bacias dos Rios, Lagos e Aquíferos*, que tem como objetivo adaptar o planejamento e a gestão por bacia às alterações climáticas; reforçar a sua governança; e garantir o financiamento adequado para a adoção de ações de segurança hídrica. Em seu discurso o secretário abordou a necessidade de troca de experiência na área de adaptação dos sistemas de captação de água em virtude dos efeitos das mudanças climáticas, destacando a pior crise hídrica dos últimos 85 anos que o Estado do Rio vive.

Na Casa da Europa de Paris (La Maison de l'Europe), o ministro de Território e Sustentabilidade do Governo da Catalunha, Santiago Vila i Vicente, junto ao secretário André Corrêa, apresentaram a iniciativa *RegionsAdapt*, uma proposta do Estado do Rio de Janeiro para mitigar os efeitos dos gases estufa. A iniciativa teve ampla aceitação das lideranças governamentais presentes, sendo assinada por 28 estados e regiões ao redor do mundo. Dentre os estados brasileiros que aderiram à iniciativa estão São Paulo, Rio Grande do Sul, Goiânia e Tocantins. Espera-se que nos próximos meses outros dez estados integrem o conjunto de ações propostas.

Ao aderir ao *RegionsAdapt*, os governos comprometem-se com os seguintes objetivos:



André Corrêa em assembleia geral da rede *The Climate Group*, na Prefeitura de Paris, com cerca de 28 governadores de estados e regiões de todo o mundo

- Adotar uma abordagem estratégica para as ações de adequação às mudanças climáticas como, por exemplo, com a criação ou a revisão de um plano estadual de adaptação, em um prazo de até dois anos após a adesão à iniciativa;
- Implantar ações concretas em ao menos uma das áreas prioritárias identificadas na iniciativa, tais como: gestão de recursos hídricos; restauração ambiental; redução do risco de desastres naturais; agricultura; zootecnia; áreas protegidas; biodiversidade; e planejamento territorial.
- Reportar anualmente o progresso das ações conduzidas em adaptação.

O secretário André Corrêa também esteve presente na Cúpula do Clima para Líderes Locais, organizada pela Prefeita de Paris, Anne Hidalgo, e pelo Enviado Especial do Secretário-geral das Nações Unidas para Cidades e Mudança do Clima, Micheal Bloomberg. À tarde, André Corrêa integrou o grupo de líderes locais que se reuniu com o secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, o qual expressou seu total apoio à iniciativa *RegionsAdapt*.

“O compromisso assumido por vocês para promover práticas sustentáveis e de inovação está formando a base para um futuro de baixas emissões. O Pacto de Estados e Regiões foi lançado há apenas um ano na Conferência do Clima, que eu convoquei nas Nações Unidas. Esse pacto é formado por lideranças que representam mais de 220 milhões de pessoas e um produto interno bruto de 10,5 trilhões de dólares. Esse ano estamos publicando um novo e impressionante relatório que resume as ações tomadas por 44 estados e regiões pioneiros na redução das emissões de carbono. Hoje o Pacto está lançando uma nova iniciativa global chamada *RegionsAdapt*, na qual os seus líderes se comprometem em desenvolver planos, estratégias, de adaptação climática e relatar os seus progressos”, declarou Ban Ki-moon.

Durante a assembleia geral da rede *The Climate Group*, na Prefeitura de Paris, com cerca de 30 governadores de estados e regiões de todo o mundo, André Corrêa reafirmou o compromisso do Estado com a conservação ambiental e o enfrentamento às mudanças climáticas, além de destacar o engajamento do Rio de Janeiro em atrair outros estados brasileiros para integrar a referida rede.



André Corrêa integrou o grupo de líderes locais que se reuniu com o secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, que apoiou a iniciativa *RegionsAdapt*

Pais e alunos de Ciep em Alcântara conhecem benefícios das obras de saneamento básico

A Secretaria de Estado do Ambiente do Rio (SEA), em parceria com o Instituto Baía de Guanabara (IBG), promoveu mais um encontro da série Diálogo Construtivo com a Comunidade das Escolas, parte Projeto Aguadeira II, que procura mobilizar as comunidades da Bacia do Rio Alcântara para acompanhar as obras de saneamento na região de São Gonçalo.

Desta vez, foram reunidos pais e alunos do Ciep 041 – Vital Brasil, no bairro Luiz Caçador. Técnicos da secretaria e do IBG mostraram os benefícios e os impactos das intervenções em andamento na região.

Trabalhos de ciências feitos pelos alunos de várias escolas de São Gonçalo foram expostos para que os moradores entendessem na prática que os cuidados com o meio ambiente devem fazer parte do dia a dia de cada um dentro da comunidade.

Para o secretário de Estado do Ambiente, André Corrêa, esse trabalho junto às escolas é essencial, já que pais e alunos recebem noções de educação ambiental, que exercem influência direta na melhoria da qualidade de vida de toda a população. “Eles conhecem, por exemplo, como o lixo que é jogado no Rio Alcântara pode causar prejuízos na própria comunidade, com as enchentes em épocas de chuvas fortes, além de comprometer todo o esforço feito pelo governo do Estado no trabalho de recuperação de um dos mais belos cartões postais do Rio”, explicou o secretário, referindo-se à Baía de Guanabara. Após a conclusão das obras de saneamento de Alcântara, prevista para o final de 2018, 75 bilhões de litros (o equivalente a 30 mil piscinas olímpicas cheias) de esgoto *in natura* deixarão de ser jogados, anualmente, na baía.

O superintendente do Instituto Baía de Guanabara, Aduari Souza, defende o compartilhamento integral dos resultados com os moradores. “Essa fase de interação com pais e alunos é excelente para demonstrar os resultados do projeto que se consolida na participação de toda comunidade, quando mencionamos a importância da preservação do meio ambiente. Temos o compromisso de informar a todos e compartilhar a sensibilização em relação à despoluição do Rio Alcântara e da Baía de Guanabara. Com a participação ativa de todos, é viável viver com maior qualidade de vida”, declarou.

Para a coordenadora do projeto no Ciep 041 – Vital Brasil, professora Flávia Torres, é fundamental que os alunos observem as condições dos rios e tenham melhores noções sobre meio ambiente. “O trabalho específico do Aguadeira II foi feito com uma turma em que percebi maior entusias-

É MUITO BOM IR AOS RIOS NOS HORÁRIOS DAS AULAS DE CIÊNCIAS. EU E MEUS COLEGAS NOS SENTIMOS ÚTEIS, TENDO A CONSCIÊNCIA QUE A NOSSA PRESENÇA E O NOSSO ESFORÇO GIRA EM TORNO DE UM MUNDO MELHOR

MAYARA SIQUEIRA, ALUNA DA 7ª SÉRIE DO CIEP 041 – VITAL BRASIL

Comunidade se reuniu no Ciep 041 – Vital Brasil, no bairro Luiz Caçador, e aprendeu que preservação ambiental está associada à qualidade de vida



mo pelo assunto. No geral, o projeto possui desdobramento com todos os alunos, devido à participação ativa da diretoria e dos professores que compõem a nossa equipe. Com as apresentações, através das maquetes, os jovens pesquisaram sobre os rios e as formas que podemos preservá-los. É um trabalho gratificante”, ressalta Flávia.

Participando diariamente das atividades do projeto, os alunos buscam informações e se entusiasmam com os resultados, quando colocados em prática. É o caso da estudante Mayara Siqueira. “Temos a responsabilidade de preservar toda a natureza. No projeto praticamos ações que pesquisam o que acontece com os rios poluídos e aprendemos muito em relação ao que é preciso ser feito para eles serem bem cuidados. É muito bom ir aos rios nos horários das aulas de ciências. Eu e meus colegas nos sentimos úteis, tendo a consciência que a nossa presença e o nosso esforço gira em torno de um mundo melhor”, ensina Mayara, da 7ª série do ensino fundamental.

Entre as mais importantes obras do Programa de Saneamento dos Municípios do Entorno da Baía de Guanabara (PSAM), da SEA, as intervenções incluem a construção da Estação de Tratamento de Esgoto (ETE) Alcântara, uma rede coletora que vai percorrer 97 quilômetros, uma nova estação, duas elevatórias de grande porte e oito elevatórias de pequeno porte. As interligações à rede de esgotamento sanitário vão alcançar mais de 17 mil residências, estabelecimentos comerciais e inúmeros loteamentos da região, beneficiando 870 mil pessoas, no total.

Esse foi o segundo encontro da série Diálogo Construtivo com a Comunidade das Escolas que está sendo levada às comunidades de Alcântara. O primeiro foi no início do mês na Escola Municipal Almirante Alfredo Carlos Soares Dutra, em Alcântara. 📍

FONTE: ASCOM SEA/INEA



Em SP, postos de gasolina e lava-rápidos serão obrigados a usar água de reuso

O prefeito da capital paulista, Fernando Haddad, regulamentou no fim de novembro a Lei Municipal nº 16.160, que obriga estabelecimentos como postos de serviços, de abastecimento de veículos e lava-rápidos a instalarem sistemas e equipamentos para captação, tratamento e armazenamento de água, com o objetivo de realizar o reuso em atividades que admitam qualidade não potável, como por exemplo, a lavagem de carros.

Além do sistema, que deverá estar de acordo com as resoluções do Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA) e as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), os comerciantes deverão ainda afixar placas indicativas que apontem a instalação em seus estabelecimentos. Quando fiscalizados por equipes da Coordenação das Subprefeituras, os proprietários dos estabelecimentos deverão apresentar laudos referentes à instalação, com memorial descritivo e fotos, além de documento que ateste a manutenção do sistema, pelo menos, uma vez por ano, ambos com a avaliação e garantia de um profissional técnico da área.

Em caso de não cumprimento da lei, os estabelecimentos serão notificados para a instalação dos equipamentos e a apresentação dos documentos no prazo máximo de 60 dias. Se o prazo para adequação não for cumprido, o comerciante poderá ser multado em mil reais, valor que será dobrado em caso de reincidência, ou ter o alvará de funcionamento do seu estabelecimento cassado.

Os estabelecimentos também deverão dar a destinação ambiental correta para os resíduos utilizados no processo de tratamento da água utilizada na lavagem de veículos, que deverá ser comprovada pelo proprietário do comércio com a apresentação das notas fiscais da retirada, transporte e encaminhamento para locais apropriados de reprocessamento ou armazenamento, além do Certificado de Movimentação de Resíduos de Interesse Ambiental (CADRI), emitido pela empresa responsável pelo descarte.

Para a regulamentação da lei foi criado um grupo de trabalho entre a Secretaria do Verde e Meio Ambiente e Secretaria de Coordenação das Subprefeituras. As medidas propostas na lei 16.160/15 e decreto nº 56.634/15 estão alinhadas às diretrizes do texto do novo Código de Obras e Edificações (COE) da cidade. 

FONTE: PREFEITURA DE SÃO PAULO

Programa incentiva pequenos agricultores a gerarem energia eólica e solar

Desde 25 de novembro, pequenos produtores de agricultura familiar e assentados da reforma agrária podem financiar os equipamentos para produção de energia eólica e solar pelo programa Mais Alimentos, uma linha de crédito do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) para dar subsídios a infraestrutura produtiva.

A assinatura do termo de cooperação foi feita entre a Associação Brasileira de Energia Solar Fotovoltaica (Absolar), a Associação Brasileira de Energia Eólica (ABEEólica) e o Ministério do Desenvolvimento Agrário. As energias solar e eólica estão inseridas nas chamadas fontes de energia renováveis, que representaram no ano passado 41% da matriz energética brasileira.

O ministro do Desenvolvimento Agrário, Patrus Ananias, celebrou o acordo e lembrou que o Brasil é um país rico em recursos naturais, necessários para o desenvolvimento nacional. “A integração dos equipamentos no Mais Alimentos é mais um avanço na agricultura familiar”, disse o ministro.

Ao adquirir os equipamentos de geração de energia por meio do programa, os agricultores familiares financiam o material com condições de crédito diferenciada do mercado. Para o diretor executivo da Absolar, Rodrigo Sauer, o acordo irá diminuir a principal dificuldade hoje do pequeno consumidor, justamente o investimento inicial nos equipamentos de energia solar fotovoltaica. “O investimento é quase todo no início, porque a vida útil das placas fotovoltaicas é de 25 anos, com pouca manutenção. Com o acordo, esperamos ter mais geração de energia no campo, trazer produtividade e agregar valor para os pequenos agricultores”, disse.

A presidente executiva da ABEEólica, Elbia Melo, ressalta que uma das principais características da energia eólica, além da produção limpa de energia, é justamente agregar valor e gerar outra fonte de renda para os estados produtores.

“No Rio Grande do Sul, os parques eólicos continuam produzindo arroz e criando gado, mas agora com a renda extra do arrendamento das máquinas. O efeito multiplicador das energias renováveis vai além do contexto energético, tem o impacto social”, completa. Segundo ainda a presidente executiva, somente a energia eólica gerou 40 mil postos de trabalho relacionados a produção dos equipamentos, manutenção e seu funcionamento. 

FONTE: PORTAL BRASIL

PASSE O VERÃO INTEIRO COM O MELHOR
CLIMA DO MUNDO: O DE DIVERSÃO.

L&L

#LUGARDESERFELIZ

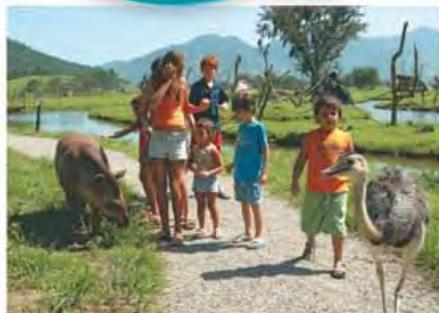
 **PORTOBELLO**
RESORT & SAFARI

**DUAS CRIANÇAS DE
ATÉ 12 ANOS NO MESMO
APARTAMENTO DOS PAIS
NÃO PAGAM.**

**FIQUE 7 NOITES
E PAGUE 6.**

VÁLIDO ATÉ 4/2/2016

**O PORTOBELLO
RESORT TEM AS
MELHORES
ATRAÇÕES PARA
TODA FAMÍLIA.**



(21) 2789-8000 • (21) 2175-1000 • 4020-8005
WWW.PORTOBELLORESORT.COM.BR
RIO-SANTOS, KM 434 • MANGARATIBA
A 100 KM DO RIO - ENTRE RIO E SÃO PAULO

PROGRAMA RECLAMAR ADIANTA

RÁDIO BANDEIRANTES AM 1360 (RJ)

COM ÁTILA NUNES E ÁTILA ALEXANDRE NUNES



Jaime Quitério, Áttila Alexandre Nunes, Renata Maia e Áttila Nunes



Ao lado do deputado está o filho dele, Áttila Alexandre Nunes

O programa **Reclamar Adianta** é transmitido durante a semana das 10 horas ao meio dia através da Rádio Bandeirantes AM 1360 (RJ), podendo também ser acessado pela internet: www.reclamaradianta.com.br

Se desejar, envie a sugestão de um tema para ser abordado. Aqui os ouvintes participam de verdade.

Abraços,
Equipe do programa
Reclamar Adianta

PROGRAMA RECLAMAR ADIANTA

RÁDIO BANDEIRANTES AM 1360 (RJ)

De 2ª à 6ª feira, entre 10h e meio dia.
Com Áttila Nunes e Áttila Alexandre Nunes
Ouça também pela internet:
www.reclamaradianta.com.br

Central telefônica 24h: (021) 3282-5588
twitter: @defesaconsumo
www.emdefesadoconsumidor.com.br
(serviço 100% gratuito)
atilanunes@reclamaradianta.com.br
atilanunes@emdefesadoconsumidor.com.br

PROGRAMA PAPO MADURO

RÁDIO BANDEIRANTES AM 1360 (RJ)

De 2ª à 6ª feira, ao meio dia.
Ouça pela internet:
www.papomaduro.com.br

Central telefônica 24h: (021) 3282-5144
E-mail: ouvinte@papomaduro.com.br

Guia do Meio Ambiente

Aqui o seu anúncio é visto por quem se importa com o meio ambiente



Convertendo gasto em economia!
 (21) 2620-3354 • 2622-7694
www.redegaz.com.br
 Novo endereço: Rua São Lourenço, 154 • Niterói • RJ



Long jet®
 A Marca do seu cartucho.
 Informática e Papelaria
 • Cartucho e Toner Remanufaturados
 • Cartuchos Originais e Genéricos
 MANUTENÇÃO E CONSÓRTO EM COMPUTADORES E IMPRESSORAS

TELE ENTREGA **2622-7007 / 2717-2407 / 2717-2546**
www.longjetonline.com.br - longjetonline@hotmail.com - Rua Saldanha Marinho, 94 - Centro - Niterói - RJ

Supercão
 Dr. Joel Osório
 atendimento em domicílio



Dermatologia • Urgências
 cardiologia • vacina • cirurgia
 internação • tosa • banho
 (21) 9964 • 0580
 (21) 2711 • 8253



cesta AMBIENTAL
 Soluções Socioambientais
 para Negócios Sustentáveis

Comunicação e Educação Ambiental  **rebia**
 REDE BRASILEIRA de informação ambiental

Cálculo de Emissões e Neutralização  **Prima**

(21) 3701-0080 / 98751-9301 www.cestaambiental.com.br
contato@cestaambiental.com.br

Escritório Virtual
www.wco.adv.br

Ligue para 2722-3147
 ou acesse o e.mail:
escritoriovirtual@wco.adv.br
 e marque uma visita

Rua da Conceição, 95 • sala 909 • Edifício City Hall Business
 Centro • Niterói • (Fica a 1 minuto da justiça do trabalho)



CURSOS AMBIENTAIS (À DISTÂNCIA)
 UFF - Universidade Federal Fluminense / REBIA - Rede Brasileira de Informação Ambiental

**CURSO 1:
 COMO FAZER
 EDUCAÇÃO
 AMBIENTAL**
 120 H/AULA



**CURSO 2:
 COMO ADMINISTRAR
 COM CONSCIÊNCIA
 ECOLÓGICA**
 120 H/AULA



**CURSO 3:
 COMUNICAÇÃO
 AMBIENTAL**
 120 H/AULA



Coordenação Geral
 Flavio Lemos (PhD)
 Coordenador
 Cursos Online UFF
 Coordenador
 NURDESURES-UFF

Mais informações: www.portaldomeioambiente.org.br
 Inscrições: www.cursosonline.uff.br/inscricao.html
 Contatos: Telefax: (22) 3824-4888
cursosonline@itaperunaonline.com.br








rebia
 REDE BRASILEIRA
 de informação ambiental



REVISTA
 do meio ambiente
 ano X • ed 87 • dezembro 2015

A **Revista do Meio Ambiente** (revistadomeioambiente.org.br) é elaborada a partir das colaborações da Rede Rebia de Colaboradores e Jornalistas Ambientais Voluntários (RebiaJA – rebia.org.br/rebiaja) e é distribuída de forma dirigida e gratuita, em âmbito nacional, em duas versões:

- 1) **versão impressa** – distribuída em locais estratégicos e durante eventos ambientais importantes que reúnam formadores e multiplicadores de opinião em meio ambiente e demais públicos interessados na área socioambiental (*stakeholders*) diretamente em stands, durante palestras, ou através de nossas organizações parceiras, empresas patrocinadoras, etc.;
- 2) **versão digital** – disponível para *download* gratuito no *site* da Revista bastando ao interessado:
 - a) estar cadastrado na Rede Brasileira de Informação Ambiental (Rebia) – rebia.org.br (cadastrado e associação gratuitas);
 - b) estar logado no momento do *download*;
 - c) preencher o campo do formulário com o comentário sobre o porque precisa da **Revista do Meio Ambiente**.

Quem patrocina a gratuidade?

A gratuidade deste trabalho só é possível graças às empresas patrocinadoras e anunciantes, às organizações parceiras e à equipe de voluntários que doam seu esforço, talento, recursos materiais e financeiros para contribuir com a formação e o fortalecimento da cidadania ambiental planetária, no rumo de uma sociedade sustentável.

IMPRESSO



Revista do Meio Ambiente
 Redação: Trav. Gonçalo
 Ferreira, 777
 Casarão da Ponta da Ilha,
 Jurujuba, Niterói, RJ
 CEP 24370-290
 Telefax: (21) 2610-2272